



**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA-  
HISTÓRIA PODER E PRÁTICAS SOCIAIS**

**ROSANA DÉA MARQUES GONSALVES**

**RÁDIO ENTRE FRONTEIRAS: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS DO  
RADIALISTA ILÁRIO ERMINDO KEHL – ALEMÃO LOUCO (1970-2009)**

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON – 2015**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE CAMPUS  
DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA, PODER E  
PRÁTICAS SOCIAIS

ROSANA DÉA MARQUES GONSALVES

**RÁDIO ENTRE FRONTEIRAS: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS DO  
RADIALISTA ILÁRIO ERMINDO KEHL – ALEMÃO LOUCO (1970-2009)**

Dissertação apresentada ao  
Programa de Mestrado em História,  
Poder e Práticas Sociais como requisito  
para obtenção do título de Mestre em  
História sob a orientação da Prof. Dra.  
Geni Rosa Duarte.

**MARECHAL CÂNDIDO RONDON – 2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

G639r Gonsalves, Rosana Déa Marques  
Rádio entre fronteiras: uma análise dos programas do radialista Ilário Ermino Kehl - Alemão Louco (1970-2009) / Rosana Déa Marques Gonsalves. - Marechal Cândido Rondon, 2015.  
92 p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Geni Rosa Duarte

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2015.

1. Radio - Programas. 2. Humorismo. 3. Fronteiras I. Duarte, Geni Rosa. II. Título.

CDD 22.ed. 302.2344  
CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini-Leitzke CRB-9/539



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.

Programa de Pós-Graduação em História - Nível Mestrado

Reconhecido pela Portaria Ministerial - MEC nº 1.077, de 31/08/2012, publicada no DOU de 13/09/2012.



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

Aos vinte e nove dias do mês de abril de 2015, às 8h30min, reuniu-se, em sessão pública, a banca examinadora da defesa de dissertação de mestrado em história constituída pelos professores Dr<sup>o</sup> Geni Rosa Duarte (Orientadora) (UNIOESTE), Dr. João Carlos de Souza (UFGD), Dr. Allan de Paula Oliveira (UNIOESTE) para avaliarem o trabalho "*Rádio entre fronteiras: uma análise dos programas do radialista Ilário Ermindo Kehl – Alemão Louco (1970-2009)*", apresentado pela pós-graduanda **Rosana Déa Marques Gonsalves** para a obtenção do título de "Mestra em História" no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História do UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon. A banca examinadora considerou o trabalho aprovado. Nada mais havendo a constar, eu Geni Rosa Duarte, orientadora do trabalho, lavrei a presente ata que vai assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora e pela pós-graduanda avaliada.

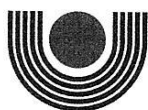
Marechal Cândido Rondon, 29 de abril de 2015.

  
Geni Rosa Duarte  
Orientador

  
João Carlos de Souza  
Membro

  
Allan de Paula Oliveira  
Membro

  
Rosana Déa Marques Gonsalves  
pós-graduanda



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



**PARANÁ**

GOVERNO DO ESTADO

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
UNIOESTE**

**PARECER DESCRITIVO**

Título da Dissertação: *"Rádio entre fronteiras: uma análise dos programas do radialista Ilário Ermindo Kehl – Alemão Louco (1970-2009)"*.

Nome da concluinte: **Rosana Déa Marques Gonsalves**

Integrantes da Banca:

Profª Drª Geni Rosa Duarte (Orientadora) (UNIOESTE);

Prof. Dr. João Carlos de Souza (UFGD);

Prof. Dr. Allan de Paula Oliveira (UNIOESTE).

Parecer:

A banca destacou a importância do tema trabalhado e a possibilidade de se compreender o campo radiofônico local a partir de um estudo de caso, e apontou questões para serem incorporadas na versão final.

Marechal Cândido Rondon, 29 de abril de 2015.

## AGRADECIMENTOS

Eu agradeço intensamente a amizade e orientação que tive da professora Geni Rosa Duarte, pois sem o seu apoio, a pesquisa não teria a qualidade desejada e os resultados finais jamais teriam sido alcançados de maneira satisfatória. A superação de minhas dificuldades foram alcançadas, graças á maneira pela qual acompanhou a minha pesquisa, bem como me auxiliou nos momentos de ansiedade, obscurantismo e principalmente no auxílio e nas escolhas das leituras imprescindíveis á realização do término da dissertação. Esse apoio não se resumiu em semanas de orientação ou indicações bibliográficas, as lições de vida por meio dessa amizade que alcancei são inimagináveis. Durante toda a trajetória do mestrado tive diversas complicações no meu estado de saúde e com todo carinho e amizade ela fez o impossível para me fazer sorrir, jamais desistir dos meus objetivos e finalizar o trabalho desejado, já que o mesmo passou a ser um sonho a ser conquistado. A este companheirismo e dedicação deixo as minhas honrarias que são mínimas diante do seu esforço em me orientar e em acreditar no meu sonho. A pesquisa foi o resultado de um trabalho intenso e mútuo do qual sei das inúmeras horas que a deixei sem dormir por tanto se dedicar a minha pessoa e trabalho em conjunto. Agradeço principalmente em respeitar os meus limites diante dos meus problemas sociais e de saúde, pois sem essa compreensão o resultado da pesquisa teria outra dimensão.

Eu agradeço imensamente a todos os professores do Programa de pós-graduação da Unioeste, pois cada um a sua maneira contribuiu com este trabalho e com minha permanência junto ao programa, seja nos momentos de orientações diversas, seja nos meus momentos de aflição dos quais jamais esquecerei o apoio dado com expressiva atenção e carinho, principalmente em nossos diálogos e discussões diversas.

Agradeço aos meus colegas de trabalho que embarcados no mesmo navio, não nos deixamos naufragar nos momentos mais angustiantes, principalmente aos meus pares bolsistas que tanto no espaço da Unioeste como em locais diversos e horários extremados discutíamos nossas pesquisas. Essa foi uma experiência incrível e me sinto agradecida em tê-los na minha agenda virtual e telefônica, pois são meus amigos eternos.

Agradeço á minha família que embora seja pequenina foi de um amor imenso nesse percurso. Aos meus filhos Giovanna e Pedro dedico a parte da paciência em participarem do processo, sendo compreensíveis em minhas angústias e principalmente sendo companheiros com as madrugadas não dormidas. Ao meu irmão Jailson que nunca me deixou desistir na trajetória sendo um tio-pai nos momentos mais difíceis. Agradeço a minha mãe Ilsa querida que acompanhou minha rotina e me auxiliou nos momentos delicados de meu estado emocional e físico, não deixando que a doença dominasse minha mente e dissesse que eu não fosse capaz. E ainda agradeço minha querida Lola, minha mascote Lhasa, que participou de todo processo de escrita, como fiel escudeira noturna e diurna ao meu lado, sob os meus pés demonstrando seu carinho pela minha determinação em não dormir e não fraquejar, como se fosse um anjo guardião durante essa trajetória.

Agradeço por fim ao cosmos, a meu pai Oxalá e aos meus orixás que acompanharam de perto esta minha caminhada me apontando linhas não teóricas, mas práticas complacentes diante de todas as dificuldades que atravessei nos últimos anos na academia, me conferindo proteção, amor e compaixão diante do plano terrestre.

E mesmo não estando mais conosco neste plano, agradeço intensamente meu querido pai Jair que deixou o exemplo do riso diante de qualquer fatalidade ou dificuldade, cujo exemplo marcou minha vida, me incentivou na busca em perceber as raízes da alegria.

## **RÁDIO ENTRE FRONTEIRAS: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS DO RADIALISTA ILÁRIO ERMINDO KEHL – ALEMÃO LOUCO (1970-2009)**

### **RESUMO**

A pesquisa objetiva investigar o papel do rádio enquanto prática cultural no espaço transfronteiriço do Oeste do Paraná, a partir da década de 1970, por meio da trajetória do radialista Ilário Ermindo Kehl (popularizado pelo personagem Alemão Louco) assassinado em 2009. A reflexão inicial se concentra nos documentos sobre seus programas veiculados nas rádios em Marechal Cândido Rondon, inseridos nesse espaço de fronteira (Brasil/Paraguai). As fontes utilizadas fazem parte da documentação pessoal do radialista. A pesquisa apresenta as emissoras de rádio como meio importante de comunicação e como ferramenta conflitante na instituição de memórias neste espaço de fronteira.

Palavras-chave: Rádio, programas radiofônicos, humorismo, fronteiras.

**RADIO BETWEEN BORDERS: AN ANALYSIS OF PROGRAMS  
BROADCASTER ILÁRIO ERMINDO KEHL - CRAZY GERMAN (1970-2009)**

**ABSTRACT**

The research objective to investigate the role of the radio as cultural practice in the border region of Western Parana state, from the 1970s on, following the trajectory of Ilário Ermindo Kehl, radio broadcaster (popularized with the Crazy German character), killed in 2009. The initial reflection focuses on documents about their programs aired on the radio in Marechal Cândido Rondon, within in this border area (Brazil/Paraguay). The data sources used are part of the personal documents. The research present radios stations as an important of communication and as work tools conflicting in the institution of memories within in this border area.

Keywords: Radio, radio programs, Humor, Border.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
Capítulo 1 A expansão da radiodifusão em direção á fronteira com o Paraguai.....	16
1.1 A implantação na radiofonia no Brasil: os primeiros tempos.....	17
1.2 O rádio no Paraná: algumas considerações.....	26
1.3A radiofonia em Marechal Cândido Rondon.....	29
Capítulo 2 O Alemão Louco: um personagem em construção.....	41
Capítulo 3 Para outras fronteiras.....	69
Considerações finais.....	88
Lista de fontes.....	90
Bibliografia.....	91

## Introdução

O objetivo principal deste trabalho é analisar por meio da trajetória do radialista Ilário Ermindo Kehl e de sua atuação nos programas das emissoras da região, as relações socioculturais na região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai<sup>1</sup> no período compreendido entre 1970 e 2009. Para tanto, investigarei as características principais de um dos programas de rádio do Alemão Louco, alguns aspectos da recepção desses programas junto ao público ouvinte e a atividade secundária do radialista, o cinema itinerante.

As fontes que permitem a realização desse trabalho fazem parte da documentação pessoal do radialista, e estavam sob a sua guarda organizadas em pastas diversas e em algumas malas e armários pessoais, as quais me foram doadas pela família após a sua morte. Neste acervo parcialmente organizado pelo próprio radialista, constam algumas pastas, nestas há uma pasta de documentos contratuais das diversas rádios onde trabalhou, pastas com cartas manuscritas que os ouvintes enviavam ao radialista e que o mesmo organizou por data, além de documentos pessoais diversos, tais como a diplomação de vereador suplente, panfletos de propaganda eleitoral, documentos gerais de solicitação de concessão para instalação de emissora de rádio no Paraguai. Há também algumas edições do jornal periódico de Palotina do qual foi editor e diretor, recortes de notícias diversas onde ele era mencionado, os quais o próprio radialista efetuou os recortes e armazenou também em pastas, fotografias, material publicitário, cartazes e documentos referentes aos filmes que transmitia de maneira itinerante, além de oitenta e duas fitas cassetes que constituem parcialmente a programação musical que trabalhava em seus programas.

Nessa documentação diversa que me foi doada ainda há algumas revistas, livros de humor, o equipamento transmissor da última rádio que se localizava em Marangatu no Paraguai quando fora assassinado e os equipamentos rudimentares que transmitia os filmes de maneira itinerante na região. A família

---

<sup>1</sup> Localização-Mapa: Disponível em: <[https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&authuser=0&q=porto+britannia+pato+bragado&ie=UTF-8&ei=8R3sUoPaFZOqkAeZv4CgCw&ved=0CAcQ\\_AUoAQ](https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&authuser=0&q=porto+britannia+pato+bragado&ie=UTF-8&ei=8R3sUoPaFZOqkAeZv4CgCw&ved=0CAcQ_AUoAQ)> Acesso em 28 de Jan de 2014.

permitiu ainda minha análise nas coleções de discos de vinil do acervo do radialista e na observação das coleções de gibis de histórias em quadrinhos que estão sob a sua guarda. Em 2012, parte da coleção de fitas de vídeo que em sua maioria eram filmes brasileiros e seriados já veiculados na rede de televisão brasileira, foram doados ao CEPEDAL<sup>2</sup>, laboratório de pesquisa da UNIOESTE, para que outros pesquisadores tivessem acesso.

Outros documentos compreendem o acervo, pois o radialista guardava sua trajetória em malas, e em função dessa diversidade documental, elenquei algumas partes as quais são mais significativas para efetivação desse trabalho.

A documentação do acervo do radialista permitirá o desenvolvimento dessa investigação que consiste no estudo de fragmentos de um dos seus programas musicais e humorísticos, explorando os aspectos do personagem Alemão Louco. Infelizmente as rádios locais e regionais não acervaram seus programas, o que era prática comum nas emissoras que trabalhavam com gravações sobre gravações, utilizando a mesma fita até o seu descarte de modo a manter menores custos e em função da falta de espaço nas emissoras para acervarem em fitas cassetes até a década de 1990. O auxílio proporcionado pelo desenvolvimento tecnológico a partir de então, permitiu que o radialista se preocupasse com essa questão, pois estava gravando em CDs a parte musical acervada por ele em fitas cassetes, mas essa era uma atividade individual dele, as rádios locais ainda nos dias atuais não armazenam seus arquivos conforme constatei visitando ambas as rádios.

No entanto, numa das visitas na rádio Educadora, o programador guardou em seus registros pessoais o último programa gravado pelo Alemão Louco nessa rádio antes de ser assassinado e me doou para realização da pesquisa. Embora seja apenas um único registro do programa falado, é uma fonte significativa para apresentar o personagem Alemão Louco. Das partes não musicais em fitas cassetes, consegui recuperar o áudio da última entrevista que o radialista realizou com personalidades locais em festa regional, atuando como jornalista. Essa só foi recuperada, porque estava ainda dentro do seu gravador pessoal, no bolso da blusa que vestia quando foi assassinado.

A seguir, a análise se remeterá às cartas dos ouvintes enviadas aos seus

---

<sup>2</sup> Núcleo de pesquisa e documentação sobre o Oeste do Paraná (UNIOESTE); <<http://www.unioeste.br/projetos/cepedal/>>

programas com solicitações diversas e no exame de outra atividade do radialista, o cinema itinerante, por meio do estudo dos cartazes dos filmes e auxílio da História Oral<sup>3</sup> que complementar­á o sentido dessa investigação.

Assim, para a análise dos documentos audiovisuais, conforme apontou Marcos Napolitano<sup>4</sup>, a metodologia procurará efetuar um exame metódico e sistêmico para extrair informações de cunho social, cultural, ideológico e tensões históricas envolvidas, por meio da leitura técnica, sociológica e histórica dessas fontes. O autor continua indicando que devemos perceber as fontes audiovisuais e a música em suas estruturas internas de linguagem e seus dispositivos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos para sua relação com o contexto sociocultural em que foram produzidos e que circulam. Essa intermediação entre objetividade e subjetividade pode sim ser produzida pelo historiador, desde que esse use de critérios metodológicos específicos para análise articulando as técnicas da linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais e as representações da realidade histórica ou social nela contidas.

Na investigação e análise das fontes orais, a metodologia também concorda com o posicionamento de Yara Khoury<sup>5</sup>, que afirma que “os processos sociais criam significações e que essas se instituem em memórias”, o que nos leva a “explorar os processos sociais de constituição da história e da memória em suas múltiplas relações e como essas alimentam e realimentam poderes, dominações, sujeições e resistências”. Dessa forma, lidar com as narrativas orais, na perspectiva da história social é trabalhar com elas na ótica de um diálogo que se constrói entre o historiador e seus interlocutores, que trazem para o diálogo, as suas experiências, expondo nas suas falas, o significado que elas atribuem ao que viveram no passado, à luz do tempo presente.

As entrevistas já realizadas auxiliam na análise documental e apontam aspectos significativos em relação às práticas sócio culturais dessa região de fronteira. A primeira entrevista foi feita com a filha mais nova do radialista, Graciela Kehl que ainda reside em Marechal Cândido Rondon, é casada, tem quarenta e três anos de idade, um filho, é do lar e teve um longo convívio com o pai Ilário Ermindo Kehl. A entrevista foi

---

<sup>3</sup> História Oral: Disponível em:< <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral> > Acesso em 20 de Jan de 2014.

<sup>4</sup> NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. pp: 231-290. In: PINSKY, C.B.(org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>5</sup> KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes e outros (org). Outras histórias: memórias e linguagem. São Paulo: Olho D água, 2006. P.22-43.

realizada em 2014 e traz informações que elucidam não apenas a análise documental, mas traz elementos que possibilitam perceber algumas dessas práticas sócio culturais nessa região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. A segunda entrevista analisada e efetivada para pesquisa foi realizada com o atual diretor da Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon, o Sr. Paulo Nogueira. Foram utilizadas também neste trabalho entrevistas realizadas e acervadas junto ao CEPEDAL<sup>6</sup>.

O espaço referido dessa fronteira constitui-se de elemento importante em nossa reflexão, pois se refere a um espaço de diversos processos migratórios, muitos ocorridos antes da própria chegada dos espanhóis no período de colonização na América. Os povos que ali viviam e transitavam de um lado para o outro na fronteira não se limitaram a essa demarcação e continuaram seus trajetos como se a fronteira não existisse. Para eles a linha era contínua e a fronteira apenas uma demarcação territorial que poderia dificultar seus percursos, mas não impediam as migrações constantes.

No século XX, com a proposta de ocupação e colonização nessa região de fronteira, as cidades que se formavam nesta linha da costa oeste do Paraná se estruturaram em paralelo aos interesses do próprio Estado em delimitar e ocupar essa faixa. A configuração dessas cidades foi motivada principalmente pelo impulso á agricultura regional, com exceção das cidades de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este cujas características econômicas se fundamentaram de maneira mais específica.

Nos diferentes momentos da história esse espaço foi cenário de inserções diversas, de sujeitos de diferentes constituições étnicas, mas a intensificação da ocupação e colonização propiciada pelo Estado nominou de acordo com seus interesses os povos que constituiriam esses espaços no Brasil. Assim, com apoio da historiografia regional que partiu como ponto de referência a documentação fundamentada em fontes oficiais reforçou equivocadamente a ideia de algumas localidades se constituírem de maneira homogênea com uma referência populacional única que advinha de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

Nesse sentido, a historiografia se preocupou em centrar sua atenção na constituição populacional, baseando-se no processo de ocupação e colonização que foi promovido em meados de 1960, enfatizando a participação da Empresa Maripá no processo de constituição da região.

---

<sup>6</sup> Núcleo de pesquisa e documentação sobre o Oeste do Paraná (UNIOESTE); <<http://www.unioeste.br/projetos/cepedal/>>

É interessante apontar que na menção dessa historiografia, a ênfase dada aos traços de germanidade nesse processo de formação dessas cidades como base étnica espacial, não deixa de mencionar outros sujeitos, como índios e caboclos, mas são secundarizados nesse processo de análise da colonização e ocupação regionais. Outro aspecto que apenas é mencionado e pouquíssimo explorado, para além de índios, negros, caboclos, paraguaios, a própria empresa Maripá foi um desdobramento da antiga Fazenda Britânia, advinda de Buenos Aires na Argentina e de constituição inglesa.

Assim, embora a historiografia regional tenha suas inegáveis contribuições á historiografia, sua fundamentação e métodos conforme apontou em seu trabalho Laverdi<sup>7</sup>, ainda possui diversas lacunas em torno de sua constituição étnica, bem como diante das práticas sócio culturais dessa região de fronteira, que tendem a homogeneizar tais processos:

A temática da colonização, sem dúvida, condensa a massa das preocupações dos historiadores e cientistas sociais estudiosos da região do oeste do Paraná, em todos os tempos. Embora exista um lastro orgânico nessas pesquisas voltadas aos processos de ocupação da região, esse trabalhos denotaram abordagens e problemas muito variados, como veremos a seguir. Antes porém é preciso lembrar que a ocupação da região oeste paranaense como fronteira brasileira é datada do início do século XX, realizada primeiramente por meio de empresas estrangeiras que utilizavam vários portos de navegação construídos às margens do rio Paraná. Até esse período, o território geográfico que abarcava a região era do domínio espanhol, iniciado nos idos do século XVII.

A reflexão em torno da documentação do falecido radialista, sua trajetória nos diferentes espaços entre o Brasil e o Paraguai por meio da difusão do rádio e de sua recepção junto ao público têm como cenário esse espaço de itinerâncias diversas. O radialista trabalhou no Brasil, mais intensamente na cidade de Marechal Cândido Rondon e no Paraguai, primeiramente em Puerto Adela e onde obteve concessão posterior de sua própria emissora na cidade de Marangatu.

A localização da cidade de Marechal Cândido Rondon é próxima do Lago de Itaipú, vizinha da cidade de Pato Bragado. Do outro lado da fronteira, se localizam Marangatu e Puerto Adela. Essas cidades têm sua base econômica voltada para agricultura e a partir da década de 1970 intensificaram-se os processos migratórios

---

<sup>7</sup> LAVERDI, Robson. Tempos diversos e vidas entrelaçadas; trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aosquatroventos, 2005.p.27

nessas áreas conforme apontou Silva<sup>8</sup>:

Puerto Adela é um pequeno distrito agrícola de Salto Del Guairá, capital do departamento de Canindeyú. A população do vilarejo é, em grande parte, composta por brasileiros. Por serem a maioria, o idioma mais falado na localidade é o português. Todos os paraguaios entendem e pronunciam muito bem a língua portuguesa, já os brasileiros entendem, mas falam razoavelmente o espanhol. O vilarejo já foi ocupado por muitos migrantes. Segundo moradores antigos, brasileiros e paraguaios, havia entre as décadas de 1970 e 1980 mais de 10 mil habitantes na região, contando com outros vilarejos ligados a Puerto Adela. Atualmente, segundo eles, pelo número intenso de retorno dos brasileiros, o vilarejo não abriga mais do que mil habitantes.

Os diversos processos migratórios ocorridos na região apontam para um panorama de um espaço onde as linhas geográficas fronteiriças são excedidas pelas necessidades econômicas, sociais e culturais e que permitem a itinerância dos diversos sujeitos que interagem e formam uma rede de diversas culturas.

Nesse sentido, a documentação do radialista bem como esse espaço que ele transitou e os diversos contatos com os diferentes sujeitos apontam elementos que ampliam essa discussão e problematizam os posicionamentos historiográficos que tendem a mitificar uma unicidade germânica local/regional.

A reflexão em torno da documentação e trajetória do radialista Alemão Louco, não tem a intenção de construir uma biografia, mas de apontar por meio desta as diversas práticas culturais atreladas a este universo cultural que não é homogêneo.

O radialista Ilário Ermindo Kehl, conhecido mais popularmente pelo nome de seu personagem, Alemão Louco, atuou em diversas rádios da região, nasceu em Concórdia, Rio Grande do Sul e veio ainda bem criança com sua família para Marechal Cândido Rondon. Ele trabalhou em diversas rádios da região, criou e popularizou o personagem de seus programas e iniciou sua carreira como programador musical em Marechal Cândido Rondon na Rádio Difusora do Paraná fundada em 1966, ainda muito jovem aos 18 anos de idade.

Em sua trajetória profissional, trabalhou em diversas rádios da região, atuando também na imprensa da cidade de Palotina, onde foi diretor do jornal local no

---

<sup>8</sup> SILVA, Danusa da L.G.da. “Um pé aqui, outro lá”: experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasileiros (Marechal Cândido Rondon/PR – 1990-2010. 106f. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE.

início da década de 1970. Ao avaliar as datas desses contratos, é possível perceber que o radialista trabalhou em diversas rádios não somente no oeste do Paraná, mas também no norte e sul do Estado, bem como também na região sul do país. Além disso, ao questionar a família a esse respeito, sobre essa itinerância do radialista, a mesma informou que normalmente o radialista buscava novas oportunidades em função de melhorias financeiras e também porque o radialista desejava obter uma concessão de rádio no Brasil, firmando assim novos contatos e possíveis futuros sócios. Outro aspecto relevante mencionado no relato do filho do sócio fundador da Rádio Difusora do Paraná (Marechal Cândido Rondon), Walter Bruno Lamb, que informou que o radialista Ilário Ermindo Kehl era uma figura muito polêmica. O radialista transitava nesse espaço social e a popularidade do Alemão Louco apontava para uma figura expressiva com o forte apelo de comunicação possibilitando ter amigos e inimigos, fato muito comentado durante o seu velório após o seu assassinato em 2009.

Ele foi vereador suplente na cidade de Marechal Cândido Rondon pelo PMDB de 1983 á 1989, período de transição política no país, que saía aos poucos da ditadura civil e militar imposta por meio do golpe em 1964. A constatação desse fato foi possível porque em seus documentos pessoais constava o documento de diplomação de vereador, o qual permitiu novos questionamentos sobre o seu envolvimento político local, bem como e o quanto as rádios locais estavam envolvidas nas políticas locais.

Ilário, o radialista, então vereador suplente, polêmico ou não, o fato é que assumiu seu cargo durante uma gestão e acompanhou politicamente a gestão seguinte de coligação diversa.

Nesse sentido, quando se pensa em processo de construção de uma identidade local germânica, como uma identidade resignificada e reelaborada por grupos na cidade, estes diretamente ligados aos meios locais midiáticos reforçando o papel que o rádio tinha desde a década de 1960 até meados de 1990. Nos dias atuais o rádio ainda coexiste sob uma força que acompanha o público local, bem como possui entre seus sócios proprietários entre outros funcionários diretamente ligados ás políticas locais.

Um dos fatores que permitiu que o radialista Alemão Louco fosse vereador, possivelmente foi seu envolvimento com o rádio, auxiliado pelo meio de comunicação do qual era sujeito, mas esse fenômeno não é a busca principal dessa



pesquisa apenas uma constatação como tantas outras conforme já apontaram outras pesquisas:

Com o rápido crescimento e urbanização da população brasileira – mais acentuadamente na segunda metade do século XX, a mídia teve aumentada a sua presença e importância no cotidiano das pessoas, na maioria dos casos por várias horas diárias. E o motor que faz funcionar a mídia no Brasil, bem como em todos os países capitalistas, é a propaganda pública e privada; canal pelo qual entram os recursos financeiros que dão sustentação aos donos das emissoras de rádio, de TV, dos jornais, das revistas, etc.<sup>9</sup>

O rádio, enquanto principal meio de comunicação de massa do século XX, antes mesmo que a televisão e mesmo após a popularização da TV no Brasil foi um dos principais instrumentos de dominação política e ideológica do poder central nos anos pós Getúlio Vargas.

Assim, a participação política do radialista não é despropositada, o forte apelo do personagem principal de seus programas possivelmente o auxiliou nesse carreirismo político e foi também de interesse das rádios locais a sua permanência nesse quadro político.

No fragmento do jornal do período da campanha, há indícios que evidenciam o sucesso e a popularização do candidato por ser um radialista com personagem marcado regionalmente e que obteve também o auxílio da mídia televisiva publicitária a seu favor, pois entre tantas outras atividades realizadas pelo Ilário Ermindo Kehl, também fez propagandas publicitárias veiculadas regionalmente.

De qualquer forma, é possível pensar nas falas que traduzem a figura polêmica do radialista. Na documentação esmiuçada após o encontro do diploma de vereador, encontrei folhas soltas de propaganda eleitoral para vereador, aqueles “santinhos” com slogan, o nome do candidato e a sua foto.

Embora seja um documento comum de propaganda eleitoral, o contexto do slogan em si é bastante polêmico e irônico e diz: “Ladrão por ladrão vote no Alemão”. O tom de comicidade sarcástica traduz implicitamente a crítica tipicamente humorística adotada pelo radialista em seu personagem. Assim, com esse sarcasmo, como relatou sua filha, o radialista sempre foi considerado “desbocado”, ou seja, uma

---

<sup>9</sup> COSTA, Osmani Ferreira da. Rádio e política. A aventura eleitoral de radialistas do século XX. Londrina: EDUEL, 2005. p.19.

pessoa que falava muito sobre muitas histórias políticas verídicas ou não, ele as explorava em seus programas de maneira a traduzir suas críticas políticas, sua ideologia individual mesclada ao personagem de cunho romantizado.

Ilário Kehl também iniciou em Marechal Cândido Rondon de maneira simples as atividades relacionadas ao cinema. Por meio de concessão legalizada, o radialista transmitia os filmes de maneira muito simples em espaços diversos. Geralmente essas transmissões contavam com anúncio prévio em seus programas de rádio ou com auxílio de carros de som que anunciava o local, a hora e o filme a ser exibido. Os filmes eram transmitidos por equipamentos simples, em espaços previamente organizados, em escolas, associações de bairros e em regiões rurais e não tinham um compromisso de se fixar em lugar específico, era um cinema itinerante, direcionado a pequenos públicos e sem retorno comercial, dado ao baixo valor cobrado para assistir aos filmes. A investigação dessa atividade secundária do radialista também será analisada por ser um desdobramento de suas atividades principais nos programas de rádio.

Assim, este trabalho buscará apontar a seguir, a diversidade cultural local/regional por meio das fontes mencionadas anteriormente, que permitem apontar práticas culturais diversas e buscará desmistificar o que ficou marcado na maior parte da historiografia local/regional, sobre uma identidade homogênea coletiva germânica local. Embora o projeto de construção dessa identidade homogênea fosse reforçado por meio das mídias locais e principalmente pelo rádio, por meio da análise do personagem Alemão Louco e dos demais documentos da pesquisa é possível levantar algumas hipóteses que sugerem uma situação diversa, que aponta justamente o contrário: a heterogeneidade cultural local e regional.

## Capítulo 1. A expansão da radiodifusão em direção á fronteira com o Paraguai

Neste capítulo, nosso objetivo é apontar algumas questões sobre a implantação da atividade radiofônica em Marechal Cândido Rondon e na região de fronteira com o Paraguai, que nos permita compreender aspectos da trajetória profissional do radialista Ilário Kehl, o Alemão Louco. Procuramos apontar algumas questões da implantação do rádio no Brasil, e nos voltamos para algumas questões levantadas por pesquisas sobre o rádio no Paraná. Ao abordar a radiofonia em Marechal Cândido Rondon, procuramos apontar alguns limites que, a nosso ver, são importantes para entender os caminhos – pessoais e profissionais - percorridos pelo jornalista.

Dada a necessidade de se delimitar o campo em que se vai trabalhar, essa pesquisa adentra num campo específico, o da radiofonia que não se despoja de um campo social maior, mas que por meio de uma linguagem única obtém uma certa autonomia no seio social. Conforme apontou Bourdieu sobre a conceitualização de campo político:

Falar de campo político é dizer que o campo político (e por uma vez citarei Raymond Barre) é um microcosmo, isto é, um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social. Nele se encontrará um grande número de propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global, mas esses processos esses fenômenos, se revestem aí de uma forma particular. É isso o que está contido na noção de autonomia: um campo é um microcosmo autônomo no interior do macrocosmo social.<sup>10</sup>

E é justamente no interior do campo radiofônico que se podem perceber a estruturação de relações, propriedade, ações e processos, e que nos permitem uma aproximação de questões que se colocaram nesse campo tanto no passado como no presente. Ainda Bourdieu, afirma sua intenção de “relembrar as condições sociais do funcionamento do campo político como um lugar em que certo número de pessoas, que preenchem as condições de acesso, joga um jogo particular do qual os outros estão

---

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, n. 5, July 2011 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522011000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000100008&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 21 Nov. 2014.

excluídos. É importante saber que o universo político repousa sobre uma exclusão, um desapossamento. Quanto mais o campo político se constitui, mais ele se autonomiza, mais se profissionaliza, mais os profissionais tendem a ver os profanos com uma espécie de comiseração”. Dessa forma, também o campo que estamos denominando “radiofônico” se estrutura em função de condições de acesso e exclusão, dentro do qual são definidas regras que passam a reger a sua própria constituição.

Desde o início da estruturação da radiofonia no território brasileiro podemos perceber essa estruturação e constituição de um campo de certa forma autônomo, dentro do qual são definidos seus objetivos e alcances, e no interior do qual são formuladas regras para o acesso a ele.

Ainda abordando a questão do campo político, Bourdieu assegura que “a noção de campo relativamente autônomo obriga a colocar a questão do princípio das ações políticas e obriga a dizer que, se queremos compreender o que faz um político, é por certo preciso buscar saber qual é sua base eleitoral, sua origem social..., mas é preciso não esquecer de pesquisar a posição que ele ocupa no microcosmo e que explica uma boa parte do que ele faz”<sup>11</sup>. Da mesma forma, ao analisar o que estamos chamando de “campo radiofônico”, teremos que esmiuçar sua constituição, nos espaços específicos em que ele se fixa, e as relações que desenvolve com a sociedade considerada de uma perspectiva mais global.

Dessa forma, procuraremos distinguir os elementos que podemos perceber no processo de estruturação desse campo, e nos procedimentos que levarão à profissionalização dos seus integrantes.

### 1.1 A implantação na radiofonia no Brasil: os primeiros tempos

A implantação da radiodifusão no Brasil ainda não completou um século. Toma-se como data inicial o ano de 1922, com as primeiras experiências públicas feitas por Roquette Pinto no Rio de Janeiro (embora tenham existido outras anteriormente). Todavia, podemos ver que as primeiras demonstrações feitas nesse ano, durante a exposição comemorativa do centenário da independência, procuravam deixar claro que essa nova atividade era moderna e baseada na tecnologia. Apesar dos problemas:

O público presente à inauguração do evento escutou as transmissões por meio de autofalantes. Além disso, a Westinghouse distribuiu 80 receptores às autoridades civis e militares. Assim, o

---

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*

som das emissões foi capturado em diversos pontos da então capital federal, como o Palácio do Catete e alguns prédios públicos. Foram transmitidos discursos do Presidente da República, Epitácio Pessoa além de trechos de *O guarani*, de Carlos Gomes, apresentando no Teatro Municipal, que chegaram a ser ouvidos mesmo em outros estados (...) <sup>12</sup>

Esse autor aborda o processo de constituição da atividade radiofônica no Brasil a partir da seguinte divisão: a implantação no Brasil (de 1919 a 1932), a estruturação (de 1932 a 1940), o apogeu do rádio espetáculo (de 1940 a 1955), a decadência (de 1955 a 1970), a reestruturação (de 1970 a 1983), a segmentação e as redes via satélite (de 1983 a atualidade).

Outros autores afirmam que após 1930, começa uma fase de estruturação da própria programação das emissoras, com a introdução do chamado "quarto de hora", e a partir dessa data, cresce o número emissoras que vão sendo formadas.

A primeira emissora de rádio inaugurada no Brasil foi a Sociedade Rádio do Rio de Janeiro, criada pelo professor Edgard Roquette-Pinto e alguns colegas da Academia Brasileira de Ciências em 1923, com objetivos claramente educativos. Ferrareto destaca o pioneirismo e os objetivos educacionais dessa empreitada. <sup>13</sup>

“O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o gula dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado.” <sup>14</sup>

Dessa forma, para além do aspecto tecnológico e indicador de modernidade, ficam ressaltados os objetivos educacionais dessa empreitada. Para Ferrareto, ainda,

Esta vontade modificadora da realidade talvez se explique pelo clima político e cultural da época. A própria Exposição do centenário da Independência inseria o país em uma ideia de modernização. Embora com atraso, o Brasil entrava na onda das feiras, comuns desde meados do século XIX nos Estados Unidos. Nelas, eram apresentadas novas tecnologias e um tipo de sociedade em que o lazer e o consumo aparecem como objetivos centrais, encobrendo o jogo de produção e busca incessante de lucro inerente ao capitalismo, em especial na sua fase industrial. <sup>15</sup>

<sup>12</sup> FERRARETO, Artur Luiz. *Rádio: O veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Ed.Sagra Luzzatto, 2000.p. 94.

<sup>13</sup> O idealismo dos pioneiros do rádio cunha para a primeira emissora do país o slogan “trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”. Com base nestes parâmetros Roquette-Pinto definia o novo veículo de comunicação:

<sup>14</sup> Apud TAVARES, Reynaldo. p.8

<sup>15</sup> FERRARETO, op. Cit. p 97.

Outros autores apontam o interesse de educadores com relação às potencialidades do rádio. Para Newton Dângelo,

...a articulação de grupos e indivíduos para efetivar uma miss educativa para o rádio, com a organização, desde a década de 20, de associações de radiodifusão, abertura de estações por grupos privados, fundação de rádio-escolas, troca de experiências com outros países e edição de revistas especializadas.

Nesse campo de atuação, figuras como Roquette-Pinto, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Gustavo Capanema, Paschoal Lemme, Venâncio Filho, Jônathas Serrano, entre outros, circulavam com frequência a fim de dar direção ao funcionamento da radiodifusão nacional e de moldá-la sob parâmetros técnicos e filosóficos da Escola Nova. Como princípios reguladores das emissões, destacam-se, para além da censura aos "elementos nocivos à radiodifusão", os apelos à sua uniformização e o desejo de convencimento dos ouvintes (escolares ou não), via recursos sonoros, para uma audição e absorção voluntária de valores morais e imagens mentais de autodisciplina e de amor à pátria e ao trabalho.<sup>16</sup>

Depois viriam outras emissoras: a Rádio Clube do Brasil, no Rio de Janeiro em 1923; a Rádio Clube de Pernambuco (em Recife); a Sociedade Rádio Educadora Paulista (São Paulo); a Ceará Rádio Clube (Fortaleza) em 1924 entre outras, totalizando ao final deste ano, 536 aparelhos receptores de rádio no país. No Paraná, a primeira emissora foi a Rádio Clube Paranaense de Curitiba inaugurada em 1924.

De início, a radiofonia era enquadrada na legislação da telefonia e da telegrafia sem fio. As rádios, na verdade, eram constituídas como sociedades para aqueles interessados na nova tecnologia. Posteriormente, as emissoras se constituem como rádios-sociedade, na qual os sócios pagavam joias e mensalidades. De maneira geral, essas taxas eram inacessíveis a um trabalhador.<sup>17</sup>

No entanto, a baixa potência e o alcance dessas rádios abrangiam um público seletivo e a programação era voltada a um público elitista, privilegiando-se na programação, óperas e recitais de poesias. Isso se explica, pois havia uma recusa inicial

<sup>16</sup> DÂNGELO, Newton. Ouvindo o Brasil: O ensino de história pelo rádio - décadas 1930/40. In: *Revista Brasileira de História*, v. 18, nº 36, p. 161-184. 1998.

<sup>17</sup> Conforme assinala TOTA, Antonio Pedro. *A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990, p. 28.

em encarar a cultura popular e ideologias que se contrapunham ao liberal-capitalismo, privilegiando-se assim a dita cultura erudita.

A partir de então, todavia, o rádio inicia um processo de transformação deixando de ser exclusividade da expansão cultural e de entretenimento das elites, passando a se estruturar não mais por amigos associados e passando a se organizar como empresas disputando o mercado consumidor e publicitário.

Nesse percurso, os anunciantes ganham proporção nas programações que são impulsionadas por anúncios das indústrias em expansão, que encontram no rádio um mecanismo difusor de produtos e ideias atingindo assim um maior número de pessoas. O que era então erudito, cultural e elitista nos primórdios do rádio, passa aos poucos a se popularizar, voltado ao entretenimento e diversão da massa da população, contudo os aspectos elitistas não deixaram de estar presentes em muitas emissoras. Mas o principal objetivo do rádio comercial passou a ser então a conquista da audiência e do mercado para os produtos dos anunciantes.

A partir da década de 1930, dessa forma, há uma dispersão de novas rádios pelo interior do Brasil, com melhores equipamentos e programações mais estruturadas. Nesta década, o rádio foi aperfeiçoado tecnologicamente e transformado em um dos instrumentos mais poderosos dos estados nacionais. O Brasil contava então com 65 emissoras de rádio e cerca de 30 mil aparelhos receptores de rádio. E foi também nesta década que a regulamentação da radiodifusão passa por legalização via Estado que cria decretos que apontam o rádio como serviço fundamental e de interesse nacional.<sup>18</sup>

Podemos ter uma ideia desse crescimento a partir dos seguintes dados coligidos por Tavares<sup>19</sup>: na década de 1930, estabeleceram-se 52 emissoras, nos seguintes estados: SP ( 27, sendo 9 na capital), RJ (10, sendo 8 na capital), MG (5, sendo 2 na capital), RS (3, sendo 2 na capital), SC( 1 em Blumenau), ES ( 1 em Vitória), CE (1 em Fortaleza), SE ( 1 em Aracajú) e PB (1 em João Pessoa). Entre as décadas de 1940, 1950 e 1960, formaram-se emissoras em praticamente todos os estados da federação: 41 no RJ, 190 em SP, 103 em MG, 97 no PR, 142 no RS, 59 em SC, 7 no ES, 21 no CE, 5 em SE, 8 na PB, 5 no AC, 7 em AL, 2 em AP, 7 no AM, 27 na BA, 27 em GO, 5 no MA, 16 no MT, 7 no PA, 20 em PE, 5 no PI, 11 no RN, 3 em RO, 1 em RR e 1 no AP.

---

<sup>18</sup> COSTA, Osmani Ferreira. Rádio e política: a aventura eleitoral de radialistas no século XX. Londrina: EDUEL, 2005. p.82

<sup>19</sup> TAVARES, op. Cit.

Ressalte-se que na década de 1930 a população brasileira vivia na sua maioria na zona rural e grande parte era analfabeta, realidade que fazia do rádio um importante meio de comunicação por se fazer apenas de som e de fácil entendimento utilizando-se apenas a audição para sua compreensão. Todavia, a instalação das emissoras de rádio, conforme se dá sua expansão, atinge com maior força exatamente o público urbano. Aos poucos, a programação vai atingindo os setores populares, e até mesmo a população que, vinda do campo, fixa-se nas cidades.<sup>20</sup>

Isso vem mostrar que a instalação de emissoras de rádio vem acompanhar o processo de urbanização do território, acompanhando mesmo o crescimento da população urbana no Brasil (que nos anos 1960 se aproximaram dos 50%, tendendo a subir esse índice cada vez mais).

O novo governo instaurado após 1930 tenta regulamentar o papel da propaganda na radiodifusão, com o qual as emissoras contariam com novas fontes de renda, através do decreto nº 21.111/31. Tal decreto teve o objetivo de reorganizar o Decreto do ano anterior de nº 20.047/30 que definia o papel do governo federal na radiodifusão. A propaganda poderia então ocupar 10% da programação com o intuito de garantir a audiência, posteriormente com o passar do tempo esse número passaria à 20% e chegando aos dias atuais à 25% conforme apontou Ferraretto.<sup>21</sup>

É com a instauração desse novo decreto que a radiodifusão também ganha papel de relevância como estratégica política, pois durante alguns meses, conforme apontou o autor, a Record (emissora paulista) se mobiliza em oposição ao governo Vargas, marcando dessa forma a importância da radiodifusão e suas possibilidades políticas e econômicas, configurando as bases para indústria cultural.

Dessa forma, a radiodifusão, que no início se estruturava a partir dos seus objetivos educacionais e para uma difusão cultural, com esse novo decreto tem definida assim a dupla estrutura do rádio, que tem uma concessão estatal que a regulamenta, mas que é subsidiada por uma estrutura privada, composta por um grupo de amigos empresários que se associam agora para obter uma concessão radiofônica.

Mas os objetivos educacionais não são deixados de lado. Aquilo que Roquete Pinto almejava, ou seja, estruturar a rádio com papel de difusão da educação e assim

---

<sup>20</sup> Ver, a esse respeito, DUARTE, Geni Rosa citação completa quando da primeira vez

<sup>21</sup> FERRARETO, op. Cit.. p.102-104



atender as demandas culturais propostas pela então Rádio Sociedade do Rio de Janeiro na década de 1930, são posteriormente adotados pelo Estado.<sup>22</sup>

Em 1936, o Estado de Minas Gerais ganha uma emissora mantida pelo governo com a proposta de levar conhecimento na agricultura. A Rádio Inconfidência terá uma programação específica voltada ao mundo do campo, o programa *A hora do fazendeiro* aumenta os índices de audiência e a ideologia de extensionismo rural está presente nesta programação. E foi nesse ano que o Ministério da Educação e Saúde Pública recebe a doação da Rádio Sociedade, sob a condição exigida por Roquette Pinto de que a programação fosse voltada para cultura sem publicidade comercial. Assim, se delineiam os primórdios das rádios educativas do país.

Assim, o rádio que era um elemento que se relacionava diretamente com a modernidade, adentrava em nosso país que ainda tinha uma forte conotação conservadora e com raízes estreitamente ligadas ao subdesenvolvimento e ao autoritarismo, como acentua Costa<sup>23</sup>:

Dessa forma, a modernidade tecnológica e industrial representada pelo invento e pelo desenvolvimento mundial do rádio chocou-se frontalmente com a realidade subdesenvolvida, conservadora e autoritária do Brasil, notadamente a partir da década de 1930. Passou a existir uma latente contradição entre a modernidade do meio – o rádio em si mesmo, como fruto da industrialização e do avanço da ciência - o conservadorismo da programação veiculada por ele, a qual era produto da realidade econômica, política e social do País e do Estado Brasileiro.

É importante salientar que o cenário brasileiro vivenciado naquele momento era do recente golpe e a ascensão do governo nacionalista de Vargas.

Costa<sup>24</sup> aponta que após “a crise de 1929, ficou evidenciado a dependência econômica do Brasil exportador principalmente de café e cacau. Vargas assume a presidência por meio de golpe e tem o apoio das camadas populares e dos militares, a chamada Aliança Liberal composta por grandes empresários, comerciantes, banqueiros e latifundiários e que estreitaram seus laços durante o governo”.

E nos anos que se seguem ao golpe esse autor aponta o rádio ainda como “arma política” usada durante a Revolução Constitucionalista de 1932. E prossegue apontando:

---

<sup>22</sup> Sobre a radiodifusão educativa, ver a dissertação de mestrado de DÂNGELO, Newton, *Escolas sem professores – o rádio educativo nas décadas de 1920-40*. São Paulo, PUCSP, 1994.

<sup>23</sup> COSTA, Osmani Ferreira da. *Rádio e política: a aventura eleitoral de radialistas no séc. XX*. Londrina: Eduel, 2005. p.85.

<sup>24</sup> Iden.p.86

Nesses 15 anos do primeiro período de Vargas no poder – entre 1930 e 1945 -, o rádio ganhou um enorme impulso e viveu a chamada “Época de Ouro”, apesar de todo o sistema de coerção econômica, censura oficial e controle ideológico montado pelo Estado. Em 1945, o Brasil tinha em operação 117 emissoras e contava com cerca de três milhões de aparelhos receptores(...) <sup>25</sup>

A programação das emissoras dessa “Época de Ouro”, se caracterizava pelo entretenimento, predominando os programas de auditório, radionovelas e programas humorísticos. É dado também espaço na programação para área jornalística e para as coberturas esportivas.

E conforme o Brasil se envolve na Segunda Guerra Mundial, há maior envolvimento do público aumentando a audiência, expressando assim os primórdios da audiência massiva, principalmente por meio da Rádio Nacional, como primeira indústria cultural no Brasil.

Nos anos 1950, cresce a importância da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que é apropriada pelo Estado em função de suas dívidas conforme apontou Ferrareto:

A Nacional começa a se transformar no primeiro fenômeno da indústria de radiodifusão em 1940, quando o Estado Novo, pelo Decreto-Lei nº 2.073 <sup>26</sup>, determina a encampação do grupo do qual a emissora fazia parte. O argumento usado foi a dívida de três milhões de libras esterlinas). <sup>27</sup>

Cooptada pelo Estado, a Nacional que passara a pertencer a União ainda mantinha seus anunciantes publicitários e funcionava como empresa comercial e conforme apontou Ferrareto, <sup>28</sup> “como líder de audiência na década de 40, seu crescimento teve o apoio de recursos investidos pela União, mas que provinham dos anúncios publicitários.”

Os investimentos ancorados pelo apoio do Estado e sua consequente audiência, ampliaram os faturamentos da emissora que contava com amplo investimento em sua estrutura desde o quadro de funcionários como espaços e programação amplamente disputada pelos anunciantes.

---

<sup>25</sup> Iden.p.87

<sup>26</sup> Decreto Lei nº 2.073, Art. 1º -Ficam incorporados ao patrimônio da União: a) Toda a rede ferroviária de propriedade da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande ou a ela arrendada. b) Todo o acervo das sociedades A Noite, Rio Editora e Rádio Nacional. c) As terras situadas nos estados do Paraná e Santa Catarina, pertencentes à referida Companhia Estrada de fero São Paulo-Rio Grande

<sup>27</sup> FERRARETO, op. Cit. p.113

<sup>28</sup> Idem. p 14

Além disso, a utilização de novas tecnologias e transmissores de ondas curtas a partir de 1942, auxiliaram na maior penetração das ondas da rádio Nacional no território brasileiro, permitindo que maior número de pessoas pudessem ouvi-la, transformando a emissora em meio de comunicação de longo alcance e com forte conotação de controle ideológico social conforme apontou Mirian Goldfeder:

(...)Esta emissora deveria atuar como um mecanismo de controle social, destinado a manter as expectativas sociais dentro dos limites compatíveis com o sistema como um todo. Este controle se exercia, no entanto, de forma implícita, parcial e difusa, ao contrário dos mecanismos propriamente políticos, através de uma forma determinada de distribuição de bens e de valores de participação e obediência. O que a rádio Nacional propagava, em última instância, não era a excelência de um modelo político, mas a legitimidade de um tipo de sociedade e de um quadro de valores éticos.(...)<sup>29</sup>

Por outro lado, a referida autora aponta a dupla característica da Rádio Nacional, que ao mesmo tempo conjugava os interesses do Estado, sendo porta-voz de um sistema de manipulação e controle, e de outro, instrumento de legitimação cultural em relação aos consumidores. Isso explica parcialmente o caráter de autonomia do discurso radiofônico em relação às representações simbólicas das classes dominantes, na medida em que a mensagem penetraria noutra esfera cultural, a das classes dominadas.

Nesse sentido, por meio dos anúncios publicitários se criou um universo de consumo engendrando não apenas novos produtos para o consumo, mas uma inserindo uma ideologia americanizada e voltada a um estilo de vida dito como ideal, usada pelo Estado para atingir seus objetivos. Goldfeder aponta ainda que a rádio Nacional obviamente não atingia a totalidade do território, mas ditava um consenso de como as demais emissoras espalhadas pelo território deveriam atuar para alcançar seus índices de audiência e progressivos faturamentos. Daí a importância estratégica da Rádio Nacional cooptada pelo Estado Novo, conforme apontou Ferrareto<sup>30</sup>:

“Dentro da lógica dos revolucionários de 30, a radiodifusão serve para consolidar uma unidade nacional necessária à modernização do país e para reforçar a conciliação entre as diversas classes sociais.”

A necessidade de se ter uma nação coesa e homogênea que norteavam os ideais do novo governo era um dos objetivos neste período. A adaptação ao modelo norte-

<sup>29</sup> GOLDFELDER, Miriam. Por trás das ondas da Rádio Nacional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.p.40

<sup>30</sup> FERRARETO, op. Cit.. p.107.

americanizado com proposta civilizatória no Brasil percorreu essa ideia de unidade, de nação integrada. E partindo para as reformas que unificassem esse país com extensa faixa territorial, a radiodifusão atuou como elemento aglutinador destes ideais.

É assim, que em 1935 o governo cria a “Hora do Brasil” (atual Voz do Brasil) com objetivos de divulgar as realizações do governo, tornando-se programação obrigatória, transmitida em rede nacional a partir da instauração da ditadura conforme apontou Ferrareto<sup>31</sup> e vai além:

Dois anos depois, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) substitui, com poderes ampliados, o antigo departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural. A programação radiofônica passa a ser controlada com a colocação de censores em cada emissora. Assuntos com reivindicações trabalhistas, presos políticos, organizações estudantis, passeatas ou críticas ao governo eram terminantemente proibidos.

A partir daí, os governos subsequentes adotaram a mesma postura em relação à obrigatoriedade do programa que se difundia por meio de todas as rádios do território nacional com os propósitos claros de controle social e dispersão da ideologia adotada pelo governo.

Ressalta-se que é a partir da década de 30, há maior formação e ocupação de cidades no interior do Brasil, a proposta de interiorização com investimentos na malha rodoviária e ferroviária visavam à unificação e desenvolvimento da vasta extensão territorial do país. E conforme essas cidades vão se formando, a radiodifusão vai se adentrando também neste interior. A necessidade de se obter esse controle social por meio da radiodifusão ampliará sensivelmente a rede de radiodifusão no Brasil conforme já apontado anteriormente.

Assim, nos anos que seguiram, os avanços na área tecnológica baratearam o custo dos aparelhos receptores de rádio, possibilitando um maior número de ouvintes. A televisão passa a ocupar um lugar de maior status social, substituindo diversas programações que se iniciaram no rádio. No entanto, o rádio continuou se expandindo para o interior, adequando sua programação voltada à interatividade e marcando seu espaço até os dias atuais.

---

<sup>31</sup> FERRARETO, op. Cit. p.108

## 1.2 O rádio no Paraná: algumas considerações

No Paraná, as primeiras rádios que surgem são as rádio-clubes, como nos demais estados do país. Muitas dessas rádios que foram inauguradas no período inicial da radiodifusão no Brasil não se fixaram também tornando difícil o mapeamento integral do número de emissoras que surgiram naquele período.

Em 1924, foi fundada a primeira rádio sociedade em Curitiba, a Rádio Clube Paranaense que registrou em Ata o processo de sua fundação conforme apontou Ubiratan Lustosa, radialista e escritor:

Aos 27 dias do mês de junho do ano de 1.924, às onze horas da manhã, na residência do Sr. Fido Fontana, industrial desta Praça, presentes esse senhor e as seguintes pessoas, Senhores Livio Gomes Moreira, João Alfredo Silva, Olavo Bório, e Dr. Oscar Joseph de Plácido e Silva, estando devidamente representados os Senhores Dr. Ludovico Joubert, Euclides Requião, Bertoldo Hauer, Gabriel Leão da Veiga e Alberico Xavier de Miranda, todos amadores de radiotelegrafia, foi fundada uma sociedade tendente à difusão de radiotelegrafia, a qual tomou a denominação de Rádio Clube Paranaense.(...) <sup>32</sup>

Lustosa aponta as dificuldades iniciais do funcionamento da emissora, já que não possuía uma sede própria, contou com diversos endereços. Os diferentes diretores que assumiam a responsabilidade e transferiam o equipamento de radiodifusão para suas residências até possuir sede própria.

De acordo com a proposta de integração do país, na qual a radiofonia era colocada como uma das pontas de lança, as novas cidades vão se formando no processo de ocupação do Paraná e juntamente com elas surgem as primeiras emissoras de rádio no estado.

Um dos trabalhos que se volta para a radiodifusão no Paraná é o de Osmani Ferreira da Costa, resultado de pesquisa que busca demonstrar como as programações de rádio serviram ao longo do século XX para defender os interesses do Estado Liberal, conservador, autoritário, centralizador e privatista. <sup>33</sup>

Nesta pesquisa o autor trabalha as questões da cidade de Londrina, fundada em 1934 e a primeira emissora dessa cidade é inaugurada em 1943, a Rádio Londrina.

<sup>32</sup> Ata de registro da Rádio Clube Paranaense de 1924. In: História do rádio Paranaense. Disponível em <<http://www.ulustosa.com/PrimordiosRadio-Capitulo1-2.htm>> Acesso em Jan. 2015.

<sup>33</sup> COSTA. Osmani Ferreira da. Rádio e política: a aventura eleitoral de radialistas no século XX.. Londrina: Eduel, 2005.

É importante destacar que o processo de urbanização e desenvolvimento ocorrido ao norte do Paraná é simultâneo ao processo de inserção da radiodifusão no Estado. O processo de ocupação ocorre de maneira gradativa e intensa a partir da década de 1930. A cidade de Londrina era a segunda, após a capital Curitiba, em número de emissoras nesse período.

Esse panorama é necessário porque traz elementos que apontam as diversas formas de ocupação no estado e seus processos de instalações das primeiras rádios dessa cidade, para que possamos compreender posteriormente a ocupação do extremo Oeste paranaense e principalmente do desenvolvimento da radiodifusão nesta região, em particular a cidade de Marechal Cândido Rondon que fica próxima à faixa de fronteira com o Paraguai.

Conforme Osmani Ferreira da Costa<sup>34</sup>, no final da década de 1920 o norte do Paraná ainda era ocupado por uma densa floresta onde viviam poucos posseiros paulistas e mineiros, além de milhares de indígenas das nações Kaingang, Coroados e Xetá-guarani. Os registros oficiais citados pelo autor apontam a ação de um grupo de técnicos e empresários ingleses interessados em comprar as terras com objetivos de comercializá-las a agricultores dispostos á ocupação em 1924 impulsionados pelo apoio do presidente Arthur Bernardes.

Uma intensa propaganda difundida pelas imprensas paulista e mineira, já inclusas algumas emissoras, auxiliaram a ocupação dessas propriedades da Companhia de Terras Norte do Paraná baseadas no discurso do “Novo Eldorado”, da “Terra Prometida”, da riqueza natural do solo, etc.

Em 1940. Londrina tinha uma população de 75.296 pessoas, com 19.100 morando na cidade e o restante da população em zona rural. Em 1944, a Companhia de Terras Norte do Paraná passou a ter a sua diretoria integrada e dirigida apenas por empresários brasileiros com intervenção estatal na área de infraestrutura somente após a ocupação e povoamento e com os distritos abertos e em pleno crescimento.

Os primeiros 20 anos de Londrina foram marcados por desmatamentos, estruturação de propriedades rurais, obras de infra-estrutura urbana inicial e pelo crescimento rural.

---

<sup>34</sup> Idem.

Os jornais impressos chegaram antes em Londrina que contou com a circulação inicial do Paraná-Norte já em 1934, outros jornais também surgiram até a inauguração da primeira emissora de rádio em 1943. Após a conquista da concessão pelos irmãos Itagiba e Eufrosino Lázaro Santiago, meses depois, a mesma emissora, foi transferida a um grupo de empresários de Ponta Grossa, liderados por Raul Pedro Dal-Col cujos familiares são detentores da mesma concessão até hoje.

Em 1955, foi inaugurada então a segunda emissora de Londrina, nominada de Rádio Difusora; permaneceu com a mesma concessão até 1987 quando a emissora passou a ser de concessão do pastor Miranda Leal. A terceira emissora, a Rádio Paiquerê, foi inaugurada em 1957 pelos sócios, Pedro de Alcântara Worms e Samuel Silveira que também inauguraram a quarta emissora em 1960, a Cruzeiro. Atualmente a rádio Paiquerê é de concessão do jornalista João Batista Faria e a Cruzeiro, desde 1966 chama-se Rádio CBN (Central Brasileira de Notícias, afiliada a Rede Globo) e pertence ao empresário Amarildo Lopes.

Em 1960, durante o governo de Jânio Quadros e a construção de Brasília, as cidades cresceram aumentando as populações das zonas urbanas, Londrina tem pela primeira vez uma população maior na área urbana. O processo de mecanização da agricultura e de concentração de terras seguia expulsando os pequenos proprietários rurais do Paraná para a periferia das cidades. Nesta década, o país já contava com 934 emissoras e com aproximadamente 4.700.000 aparelhos receptores.

Seguidas dessas, outras emissoras foram inauguradas na década de 1960. Londrina adentrou a década de 1970 com 10 emissoras de rádio, todas sob o comando concessionário ou de igrejas ou de empresários direta ou indiretamente ligados aos partidos políticos.

A década de 1970 registra um salto no número de aparelhos receptores indo para 34.000.000 aparelhos e 956 emissoras de rádio em todo país. Um dos fatores que contribuiu para esse aumento foi o aperfeiçoamento do transistor que permitiu o barateamento e o funcionamento dos receptores com pilhas. Foi também nesta década que as emissoras começaram a operar em Frequência Modulada(FM) com qualidade melhor de som que a oferecida pela Amplitude Modulada (AM). Em Londrina, a primeira emissora a operar em tal frequência foi a Paiquerê em 1979.

Em 1980, ainda sob o governo militar, o país já contava com 119.002.706 habitantes, a maioria nas cidades e zonas periféricas impulsionadas na década anterior pelo êxodo rural. Eram 1151 emissoras, 152 operando em FM e o número de receptores ultrapassara os 52 milhões.

Em 1990, as emissoras em funcionamento no país eram de quase duas mil entre as quais perto de 400 operavam em FM. No mesmo ano tomava posse o então presidente Fernando Collor de Mello, o primeiro presidente eleito em eleições diretas.

Assim, após 80 anos após a inauguração da primeira emissora brasileira e quase 60 anos depois da entrada no ar da Rádio Londrina, com dez emissoras de AM e com cinco emissoras de FM, número significativo para o tamanho do município que conforme o censo de 2000 contava com 446.882 habitantes. O rádio que inicialmente era elitista, caro e retransmitido por sistema de alto-falantes evoluiu simultaneamente à modernização de vários setores, à urbanização e industrialização do Brasil. A programação das emissoras é popular, é barata no tocante aos custos dos ouvintes e já é transmitido via satélite em redes nacionais, além de poder ser transmitido mundialmente via internet em tempo real, segundo Costa.

Entre avanços e recuos, ditaduras e períodos de democracia eleitoral a situação política-institucional de hoje é diversa da daquela do primeiro quartel do século passado. Após oito décadas, a contradição que envolve o rádio se delinea. Ao mesmo tempo, que simbolizou a modernidade industrial e científica, foi utilizado pelo Estado e governantes como instrumento de dominação das elites conservadoras.

### 1.3A radiofonia em Marechal Cândido Rondon

É a partir desse contexto que analisaremos as emissoras de rádio na cidade de Marechal Cândido Rondon.

Nesse sentido, ao analisar a documentação que se refere á trajetória do radialista Ilário Ermindo Kehl, temos claro que isso nos possibilita conhecer e discutir o que significou a instauração da atividade radiofônica na região do oeste do Paraná inclusive sua difusão interfronteiras, ou seja, na direção do Paraguai.



Atualmente, a cidade de Marechal Cândido Rondon conta com três emissoras de rádio, duas emissoras privadas e uma rádio comunitária<sup>35</sup>, mesclando características que se remetem aos períodos iniciais de suas atividades e ao desenvolvimento tecnológico atual. De fato o início das atividades de Ilário Kehl no rádio coincide com a instauração da primeira emissora na cidade de Marechal Cândido Rondon, inaugurada em 1966 após a garantia de sua concessão federal.

Visando delimitar as questões do início da radiofonia na cidade, a obra de Ana Paula Wilsen e Maria Cristina Kunzler, *Mídia e Memória: estórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas*, do ano de 2006, tem uma abordagem descritiva das mídias locais, com auxílio de entrevistas as autoras buscam apontar cronologicamente algumas histórias destes veículos de comunicação e dispõe de um capítulo dedicado às emissoras locais.

O município de Marechal Cândido Rondon alcança sua autonomia política em 1960, uma vez que antes disso constituía um distrito da cidade de Toledo.

No período que antecede a emancipação do município, havia um sistema de autofalantes que funcionava precariamente. As pessoas que necessitavam da utilização do serviço do rádio tinham que percorrer cerca de cinquenta quilômetros até Toledo que já dispunha então, desde a década de 1950, de uma emissora de 250watts.

Embora a atividade radiofônica fosse considerada fundamental numa região que começou a ser ocupada, havia dois tipos de dificuldade: montar a aparelhagem que se fazia de forma experimental e conseguir a concessão dos órgãos responsáveis, que, em se tratando de uma região de fronteira, tinha suas especificidades.

Essas primeiras dificuldades são narradas de forma um tanto idílica pelo fundador, Arlindo Lamb, em entrevista concedida a Clarícia Otto:

Então adquiri o transmissor, comprei antena, tudo, já instalei transmissor, tudo de acordo com a exigência deles né. E o processo correu normalmente, eu sabia que dentro de pouco tempo ia sair a concessão, como é que eu vou fazer, eu não tenho prática de rádio, eu fui no Rio Grande do Sul procurar um amigo meu, Antônio Maximiliano Ceretta. Esse era um conhecido meu, muito amigo e tal e era radialista, e convidei ele, disse, olha seu Antônio, está saindo uma concessão de uma rádio pra mim, eu quero que você venha lá trabalhar comigo. Ele aceitou e veio de mudança pra Marechal Rondon. Em fins de sessenta e três,

---

<sup>35</sup> Rádio Difusora do Paraná; Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon; Rádio Marechal (Comunitária).

acho que em dezembro de sessenta e três, nós tivemos autorização para começar funcionar em caráter experimental. Que, não sei se hoje é assim, mas naquele tempo, e na faixa de fronteira tinha que funcionar assim: durante quatro meses em caráter experimental para sair a concessão definitiva. Então, nós começamos a funcionar em caráter experimental. Esse caráter experimental ia terminar mais ou menos aí em meados de abril de sessenta e quatro. O que que aconteceu: em 31 de março, veio a revolução. Veio a revolução, derrubaram o governo e caducou tudo, parou tudo. Daí eles me avisaram, diz, “olha o processo agora tá, por enquanto está tudo cancelado, está difícil.”<sup>36</sup>

Destaque-se que após 1964, há um recrudescimento do controle das fronteiras a partir da postura de Segurança Nacional. Mas esse controle ia de encontro também com os interesses político-partidários, tanto quanto aos interesses dos grupos econômicos locais.

De qualquer forma, a descrição relatada pelo prefeito buscou enaltecer a conquista da legalização da emissora de rádio e as dificuldades anteriores à concessão. A obtenção de uma concessão radiofônica no período ditatorial no país, não era uma conquista simples e isso convergia com os interesses dos recém-golpistas em manter o controle regional. Após o AI-5<sup>37</sup>, quase toda imprensa escrita e falada do país era vigiada. E conforme o relato do prefeito, quando foi ao CONTEL<sup>38</sup> pela primeira vez expressar a sua vontade em obter a concessão, o primeiro empecilho foi a localização da cidade, em região de fronteira, considerada zona de segurança nacional. A possibilidade de se obter a concessão da emissora seria não ser uma empresa individual e que contasse com quatro sócios, todos eles militares da reserva.

O processo de concessão necessitou também da inserção de um general, conforme relatou o ex-prefeito Arlindo Lamb na mesma entrevista já citada:

Mas eu fui de novo no CONTEL, cheguei lá e perguntei: escuta, mas o que pode se fazer pra sair uma concessão. Aí um senhor lá do CONTEL disse: “olha, você não tem um militar, desses da revolução, pra usar como pistolão”. Digo, olha, só conheço eles pelo nome. Mas o senhor quem sabe, pode me indicar um? Aí ele disse: “olha, aqui no Rio tem um general aposentado, um general da reserva, ele era da revolução. Eu tenho quase certeza se o senhor vai procurar esse general, ele vai lhe dá uma mão”. Eu fui lá procurar esse

<sup>36</sup> Entrevista com Arlindo Alberto Lamb, realizada em 04/10/2005 em Marechal Cândido Rondon pela Profª Clarícia Otto para o Projeto de Pesquisa, “Patrimônio Histórico em Marechal Cândido Rondon: levantamento de imóveis, documentação, catalogação de dados e educação patrimonial”, coordenada pela Prof.Dra. Méri Frotscher.

<sup>37</sup>AI-5: Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5> Acesso em 28 de Jan de 2014.

<sup>38</sup> CONTEL: Conselho Nacional de Telecomunicações, atualmente gestado pela ANATEL

general, o nome dele era Aloísio Contim Guimarães, procurei o endereço dele e achei ele. Cheguei lá, me atendeu muito bem. Expus a minha situação e ele disse: “eu aceito. Eu vou dar uma mão pro senhor, só eu quero participar da firma”, diz ele e sem entrar com dinheiro né. Bom, o que que eu ia fazer né, tu ia admitir ele. Aí tive que voltar prá casa, fazer alteração de contrato, admitir ele como sócio não é? E o processo andou normalmente né.

O que podemos refletir acerca dessas informações, é pensar que em primeiro lugar, havia uma necessidade de um grupo local obter uma concessão de rádio que estivesse sob o comando dessas lideranças locais, já que a cidade não estava alheia aos sinais das rádios das cidades vizinhas e a emancipação da cidade ocorrera em 1960. Os laços entre os sócios proprietários da rádio seguiram também de encontro com suas necessidades políticas, os demais sócios todos eles tinham inserção direta não só nas políticas locais, mas estavam ligados ao PTB.<sup>39</sup>

Nesse sentido, o processo de constituição dessa primeira rádio respondia a interesses políticos e econômicos já que se tratava de um meio de comunicação que atingiria um número maior de pessoas e uma maneira de se ter certo controle, do que seria transmitido e publicizado aos ouvintes.<sup>40</sup>

Assim, é possível considerar que tanto o Estado, bem como as relações que esses primeiros sócios tinham politicamente, reforçaram a necessidade de se obter uma rádio numa região fronteira que é a de Marechal Cândido Rondon. E que ao mesmo tempo, a insistência desse grupo em obter a concessão da rádio obteve o apoio direto do Estado na figura de um general. E dessa forma, sem o engajamento do general como sócio, a inauguração dessa primeira rádio possivelmente não sairia naquele instante. Além disso, uma maneira de reforçar interesses políticos locais/estaduais aos laços então federais daquele momento, onde além de partidos, os meios de comunicação eram mais rigorosamente controlados após o Golpe de 1964.

Outro fator importante que aparece no decorrer da entrevista de Arlindo Lamb, é em relação a ausência de sua participação ativa financeira na conquista não apenas da

---

<sup>39</sup> Os primeiros sócios foram: Helmuth Priesnitz, que era o presidente da câmara dos vereadores da cidade, Alfredo Wanderer (pai de Werner Wanderer que era o vice-prefeito), Egon Berch, deputado federal do PTB e o prefeito Arlindo Lamb, também do mesmo partido.

<sup>40</sup> Em segundo lugar, é pensar que mesmo após o Golpe de 1964, e o AI-2 (1965) que instituiu o bipartidarismo no país, não houve aplicabilidade direta em Marechal Cândido Rondon, pois o prefeito petebista Arlindo Lamb permaneceu no mandato até a nomeação de Dealmo Selmiro Poersch/UDN ( que era vice-prefeito de Wanderer) ocorrida somente em 1970. E mesmo com a criação em 1967 da Área de Segurança Nacional, e a cidade se localizar na região de fronteira, o processo de instauração da rádio não foi afetado.

emissora de rádio local, mas em outros momentos da entrevista ele menciona essa ausência. E contraditoriamente, ele constrói estradas, pontes, adquire uma empresa com 40 ônibus, se define como o fundador inicial de Marechal Cândido Rondon e é por meio de suas “poucas posses” que conquista a concessão conforme em seu relato:

Um tempo depois, acho que já foi sessenta e cinco, ele me telefonou, disse, “olha Arlindo, vem aqui eu preciso falar contigo a respeito da rádio né”. Eu cheguei lá, aí ele me disse, “olha, nós temos uma secretária aqui no CONTEL, ela está dando uma mão muito grande pra nós e nós precisávamos gratificar essa secretária. Mas e como é que vamos fazer”. Ah, eu não sei eu disse, eu vou deixar a seu critério. Eu acho, ele disse assim: “achava que nós tínhamos que fazer um presente pra ela”. Tá bom, eu autorizo o senhor comprar o presente, eu pago não é. Aí ele foi e comprou um anel de brilhante pra ela, eu paguei o anel de brilhante. Essa funcionária, de fato, ela dava uma mão. Lá tinha processo de centas, de firmas tentando concessão, diz que ela, quando o nosso processo estava no meio, estava em baixo, ela sempre tirava e botava em cima, pra ser apreciado primeiro. Ela então talvez merecia isso mesmo, né? Bem, aí correu normalmente e em primeiros dias de novembro de sessenta e seis recebi outro telefonema e ele avisou: “olha Arlindo, vem aí que saiu a concessão. Está tudo pronto aí, pode começar a funcionar”. Aí eu fui lá de novo, e aí eu cheguei lá, ele disse: “olha, está aí a concessão, está tudo, pode voltar para casa e agora pode soltar a rádio lá e fazer à vontade. Aí ele disse: mas agora eu gostaria também, nós devíamos oferecer uma janta para os funcionários do CONTEL”. Bom, eu já comprei um anel de brilhante, podemos pagar uma janta também né.

Embora se possa avaliar o papel do rádio enquanto instrumento de comunicação de largo alcance social, fica claro que o processo de concessão sempre esteve relacionado à troca de favores na dependência de influências políticas como assinala Ortriwano sobre essa questão:

Que motivos fazem com que o rádio esteja sendo encarado, na realidade, como um meio de “segunda categoria”? Muito poderia ser dito a respeito. Um dos pontos cruciais, é o próprio sistema de exploração da radiodifusão, há muito atrelado a uma sistemática em que o critério básico para a concessão é o interesse político, da “amizade”, da troca de favores. O interesse social e a competência tornam-se secundários.<sup>41</sup>

Mesclado com interesses políticos, fica evidente o papel atribuído à iniciativa privada. Nesse sentido, o nível político e o nível privado se interpenetram.

Convivem, entre nós, emissoras estatais e comerciais. A política brasileira para exploração da radiodifusão está fundamentada

<sup>41</sup> ORTRIWANO, Gisela S. Rádio: um meio poderoso e mal aproveitado. In: *Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais*. São Paulo: COM\_ARTE, 1987. p.17.

na teoria da responsabilidade social pela iniciativa privada, com o estado estabelecendo princípios que salvaguardem o uso social dos meios eletrônicos de comunicação. De um lado estão os dispositivos legais, ressaltando e incentivando o uso social do rádio e da televisão. De outro, toda uma série de interesses de ordem político-ideológica que se manifestam por diversos tipos de pressões.<sup>42</sup>

Assim, a inauguração da primeira rádio em Marechal Cândido Rondon acontece por meio dessas relações diretamente ligadas aos interesses dos grupos iniciais.<sup>43</sup>

Portanto, a concessão pública deveria estar ligada exatamente aos interesses públicos, mas eles aparecem mesclados. Isso não está ausente na atividade radiofônica em Marechal Cândido Rondon, e vai ser o propulsor de todas as ações para tornar a emissora rentável. O crescimento da audiência se conjuga á necessidade de faturamento, o que vai inclusive fazer com que os radialistas recebam incentivos financeiros das firmas que a emissora trabalha.

Em 1974 a rádio Difusora do Paraná alterou seu quadro de sócios, sob a direção de Elio Winter que era economista e genro de Arlindo Lamb que compra as cotas dos então sócios Helmuth Priesnitz e Alfredo Wanderer. A rádio sofreu nos anos subsequentes diversas alterações, com implementações tecnológicas e conquista do canal em FM em 1988. Posteriormente, em 1994 o diretor foi trabalhar na Itaipú-Binacional e em acordo com os sócios filhos de Lamb, vendem a emissora para um grupo de laços políticos ligados ao PMDB encabeçado por Alcides Waldow (empresário local) e por Dilceu Sperafico (deputado federal pelo PP).

Alcidez Waldow fez questão de salientar as reformas tecnológicas que a rádio sofreu após a sua direção:

Quando eu comprei a rádio ela tinha um computador. Hoje existem em torno de 20. A censura não é mais por vídeo cassete, e sim por computador, e fica arquivada por um ano. Em dois minutos eu sei o que foi falado no início do ano. Os equipamentos que o mundo oferece hoje para os sistemas de telecomunicações são muito avançados, e foi oferecido muito à Rádio Difusora do Paraná. Acredito que fomos um dos primeiros a ter os equipamentos modernos na rádio. Até o equipamento de telefonia hoje é digital. Eu sei quem ligou, quando ligou com quem falou, tempo, horário e se a ligação foi a serviço da empresa ou não.<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> Idem, p.17.

<sup>43</sup> O fundador foi o próprio prefeito local com apoio direto do estado, então representado pela figura do general como sócio para que a concessão fosse possibilitada.

<sup>44</sup> WILMSEN, KUNZLER, Maria Cristina. *Midia e Memória: histórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas*. Marechal Cândido Rondon: Ed. Germânica, 2006, p. 35.

Atualmente, ainda são os mesmos donos da Rádio Difusora do Paraná em Marechal Cândido Rondon. A sua programação ainda possui os laços que a ligaram desde os primórdios à cooperativa local (Coopagrill) entre outras indústrias locais e regionais, bem com o comércio de um modo geral que anunciam nas programações suas publicidades. No caso específico da Coopagrill, atualmente a Rádio Difusora valoriza em sua programação as transmissões dos jogos de futebol de salão, interrompendo outras programações priorizando as transmissões desses jogos em AM e FM. Esse fato decorre do alto índice de audiência que as transmissões de jogos possibilitam desde que o time local se despontou e conquistou o campeonato paranaense de futsal em 2009. No caso específico em relação a essas transmissões dos jogos, a prioridade está com essa emissora porque ficaria inviável economicamente se ambas as rádios locais se envolvessem no mesmo foco de audiência.

Outra emissora local, a Rádio Educadora AM. A emissora foi fundada em 1978, pelo grupo formado por Werner Wanderer, Guido Port, Arnold Lamb, Almiro Bauermann e Egon Wanderer. Na época, Almiro era o prefeito local e Werner Wanderer deputado estadual, com exceção de Egon, todos os demais eram filiados ao PDS.

Em 1980 a sociedade é alterada, e 90% das cotas ficam em nome da família de Werner Wanderer e 10% ao radialista Dirceu da Cruz Vianna, que trabalhara anteriormente na Rádio Difusora, na época com experiência no rádio há 14 anos.

Em relação ao papel político da rádio, Werner Wanderer faz relevância em seu discurso, de se ter uma emissora neutra politicamente e ressalta em sua fala às autoras do livro *Mídia e Memória*:

Nunca adotamos uma linha política na emissora, porque uma emissora depende de ouvintes e de seus anunciantes da indústria, do comércio. Se você adotar uma linha política, fica inviável. Os proprietários do começo, por exemplo, que tinham ligações políticas, nunca administraram a rádio. A emissora sempre teve à frente funcionários, até para evitar que as pessoas confundissem as coisas. E meu filho não é político. Para se ter uma ideia, eu dava entrevista na Difusora e não dava na Educadora.<sup>45</sup>

Nesse sentido, fica evidenciado em sua fala, certa neutralidade política, que no entanto, se contrapõe ao próprio poder da radiodifusão e de seu papel de relevância

---

<sup>45</sup> WILMSEN, Ana Paula; KUNZLER, Maria Cristina. *Mídia e Memória*: estórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas. Marechal Cândido Rondon: Ed. Germânica, 2006, p. 41.

política, tanto da emissora, quanto do próprio sujeito atuante no mundo político.

Porém a Rádio Educadora e seu maior acionista Werner Wanderer também tinha uma relação política diretamente ligada ao governo dos militares. Em 1976, a Rádio Educadora ainda não existia, mas o presidente da república, o general Ernesto Geisel e sua esposa vieram passear em Marechal Cândido Rondon, a convite do futuro maior acionista da Rádio Educadora:

O presidente não viajava. Ele era militar e não tinha o costume de participar dos eventos. Então a vinda dele para Rondon foi um fato histórico não somente para o município, mas foi destaque em nível nacional. Todo mundo perguntava o que havia acontecido para o presidente viajar para Rondon. E a visita de Geisel trouxe muitos benefícios. Por exemplo, na época era proibido criar municípios, mas as lideranças nova-santarrosenses aproveitaram a vinda de Geisel e falaram com o presidente e ele acabou autorizando a criação do município de Nova Santa Rosa. Outra coisa foi o Banco do Brasil, que foi criado em Rondon por causa da visita de Geisel. Também foi inaugurado um trecho de eletrificação rural, o que depois foi estendido em todo o município.<sup>46</sup>

Outro aspecto importante a se destacar em relação a uma suposta imunidade partidária exercida no interior do discurso das emissoras é a questão de legalidade. E, portanto, esse contorno político que as emissoras recobrem de si é um discurso ético e legal. Em entrevista concedida à autora, Paulo Nogueira, atual diretor da Rádio Educadora,

E a preocupação maior com as questões políticas, é no período eleitoral, que nós temos o horário de propaganda eleitoral, e aí nesse período nós deixamos a política para o horário político, nós divulgamos todos os candidatos sim, fazemos a cobertura sim, mas de uma maneira bem imparcial. O Werner faz os trabalhos políticos dele, vai subir no palanque na eleição esse ano em Marechal Rondon como na eleição passada, vai, mas a rádio aqui dele vai se resumir a dar cobertura a tudo aquilo que a lei prevê e o resto fica para o horário eleitoral gratuito, porque a legislação eleitoral é muito rigorosa.[...]<sup>47</sup>

Embora o discurso anterior coloque em destaque essa imunidade, nos bastidores desse universo entre a radiodifusão e a política, isso fica contrariamente evidenciado quando se avalia a rede de conexões dos quais esses funcionários de primeiro escalão dentro das emissoras se relacionam politicamente. Conforme o relato do atual diretor da

<sup>46</sup> WILMSEN, Ana Paula; KUNZLER, Maria Cristina. *Mídia e Memória: estórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas*. Marechal Cândido Rondon: Ed. Germânica, 2006, p. 44.

<sup>47</sup> Entrevista de Paulo Nogueira (diretor atual da rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon), realizada em agosto de 2014 em Marechal Cândido Rondon por Rosana Déa Marques Gonsalves.

Rádio Educadora quando menciona sobre essa neutralidade e seus parâmetros:

[...] Eu já saí da rádio Educadora, numa ocasião, em 1989 e fui morar em Palotina, eu fiquei 11 meses em Palotina, trabalhando na prefeitura de Palotina e depois eu lembro que foi campanha política do Werner que eu fiz, que eu ajudei a coordenar pra deputado federal na época, eu não trabalhava mais na Educadora, eu não trabalhava mais pra ele, mas um dos contatos que ele tinha em Palotina era o Paulo Nogueira, era um deles e foi assim durante toda campanha eleitoral e foi exatamente naquela eleição que o Werner foi o candidato mais votado na época em Palotina, foi a eleição que ele obteve mais votos em Palotina, não porque eu estava lá, pra minha sorte, parece que atrai.[...]<sup>48</sup>

A radiodifusão local não se desvincula do Estado e de grupos dominantes locais e regionais, que estreitam laços políticos e interesse locais. Isso não é diferente noutras regiões do Estado e mesmo no contexto brasileiro, onde desde as concessões, tais laços ficam evidenciados. Conforme apontou Costa em sua obra *Rádio e Política*:

Assim, mais que uma alternativa democrática de comunicação de massa – para a população – ou um novo caminho comercial lucrativo para os empresários, o sistema brasileiro de rádio sempre foi tratado como uma moeda política de troca; através do qual seus concessionários associam-se e subordinam-se aos interesses do Estado, independente de qual governo esteja temporariamente no comando.<sup>49</sup>

A Rádio Educadora tem entre os seus radialistas ainda nos dias atuais Dirceu Viana da Cruz, com 40 anos de profissão em Marechal Cândido Rondon e que traduz a precariedade dos inícios da radiodifusão local em entrevista concedida a Wilsen e Kunzler, vinculando-a à modernidade dos dias atuais:

Atualmente, com um telefone celular, você transmite do lugar onde estiver. A evolução foi grande. A facilidade é tanta que chega a dar medo. Por exemplo, você pode programar a rádio para funcionar o dia todo sem ter ninguém lá. No entanto, acredito que a rádio só transmite calor humano quando não é gravação. O calor você transmite quando está dentro do estúdio, quando você atende a pessoa, quando o ouvinte sabe que lá do outro lado tem alguém. Então a evolução trouxe coisas boas, mas também coisas que não são tão boas assim.<sup>50</sup>

Naquela época, sem a tecnologia atual, as entrevistas se realizavam sem

<sup>48</sup> Entrevista de Paulo Nogueira (diretor atual da rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon), realizada em agosto de 2014 em Marechal Cândido Rondon por Rosana Déa Marques Gonsalves.

<sup>49</sup> COSTA Osmani Ferreira da. Mídia e política. In: *Rádio e política: a aventura eleitoral dos radialistas no séc. XX*. Londrina: Eduel, 2005. P.42

<sup>50</sup> WILMSEN, Ana Paula; KUNZLER, Maria Cristina. *Mídia e Memória: histórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas*. Marechal Cândido Rondon: Ed. Germânica, 2006, p. 42.



gravador de mão e só eram possíveis com o deslocamento até a emissora. As notícias eram captadas de grandes emissoras nacionais e estaduais e repassadas após uma breve edição. Os anúncios seguiam em cartões programados e o próprio radialista fazia locução propagandística.

De fato, em meados da década de 1980, a tecnologia disponível hoje ainda estava dando seus primeiros passos e as dificuldades em torno de coberturas externas na região são mencionadas pelo diretor da rádio Educadora, Paulo Nogueira que relatou:

[...]Por exemplo, se tinha que fazer uma chamada externa, você tinha que sair com a unidade móvel, se tinha que instalar, tinha que levantar a antena, tinha que puxar fio, 100, 200, imagina, 300 metros de fio, até você chegar no lugar que você ia transmitir. As gravações eram feitas com gravadores conforme lhe falei com tamanhos exagerados, mas se fazia, com bastante dificuldade se fazia. Tinham alguns pontos que para conexão era impossível, né, mas se tivesse um telefone por perto, ou mesmo em transmissão de futebol, às vezes um morador onde tinha um telefone. Nós puxávamos o fio do campo de futebol e usava o telefone da casa e transmitia, fazia a transmissão. Hoje já existem equipamentos pra você fazer isso de uma forma mais tranquila, mas ainda existem lugares que você tem que partir pro sistema de puxar o fio. Não existiam os microfones sem fio, hoje já existe, você pode fazer uma transmissão do estádio usando microfone sem fio, antigamente tinha que puxar um rolo de fio mesmo. se você fosse andar 100 metros, você tinha que levar fio junto pra te acompanhar.[...]<sup>51</sup>

Além disso, essa mão-de-obra dos bastidores da emissora era muito precarizada; a maioria dos radialistas realizava múltiplas funções desempenhando os diversos papéis secundarizados na época, como programação e organização de sonoplastia e afins técnicos. Conforme afirmou ainda o atual diretor da Rádio Educadora em entrevista:

[...]A correria era grande especialmente no programa ao vivo, onde você atendia a pessoa que ligava pra rádio e pedia uma música. Hoje, nesse setor por exemplo, evoluiu tanto que num clique do computador você tem milhares de músicas que você seleciona pelo nome do compositor, pelo nome do cantor, pelo nome da música, ou até mesmo por um trecho da música, você consegue achar a música e através de outro clique você já coloca ela no ar, mas mesmo assim não se dispensou, não deixou de existir nas rádios que fazem rádio de qualidade, não deixou de existir a função de discotecário, não existe mais o disco, mas existe a função do programador musical, que vai fazer a

---

<sup>51</sup> Entrevista de Paulo Nogueira (diretor atual da rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon), realizada em agosto de 2014 em Marechal Cândido Rondon por Rosana Déa Marques Gonsalves.

programação para madrugadas[...]<sup>52</sup>

Ainda nesse início da radiodifusão local, as estradas e a estrutura de comunicação estavam surgindo e os recados do público ouvinte, bem como os pedidos musicais, chegavam às rádios por meio de cartas, às vezes pequenos bilhetes. Posteriormente, mesmo com a rede de comunicação tendo avançado um pouco mais e o sistema de telefonia fixa adentrado na microrregião, a maior parte da população regional que segue em direção ao Paraguai não dispunha do sistema de telefonia fixa, conferindo ao rádio um papel de comunicação de relevância para essa região de fronteira.

Nesse sentido, o rádio enquanto agente de comunicação era de extrema importância até mesmo para o envio de notas de nascimento, falecimento e recados diversos conferindo o papel de ponte de comunicação para as populações rurais impossibilitadas de se locomoverem com a mesma facilidade que atualmente.

Atualmente, a publicidade dessas rádios tem seu formato programado com fundo sonoro, a publicidade é armazenada em equipamento digital e pode ser veiculada quantas vezes forem possíveis de acordo com a negociação por tempo de propaganda e o número de vezes a ser veiculada. Mas ainda os locutores de ambas as rádios locais fazem as propagandas dentro da sua programação de apresentação, com locução comum, no momento e na chamada musical.

Essa publicidade é significativa, pois atualmente, num programa popular diário do período da tarde, por exemplo, durante vinte minutos de programação, foram veiculadas duas músicas com cerca de três minutos cada uma delas. O resto do tempo foi uma série de propagandas feitas pelo próprio locutor, a maioria dessas propagandas são do comércio local e das cidades vizinhas mais próximas de Marechal Cândido Rondon.

Nesse sentido, fica evidenciado que as necessidades dos funcionários da rádio que desempenham diversas funções buscando uma projeção no campo radiofônico acabam indo além muitas vezes de suas expectativas, mas que os colocam como um agente sinalizador diante dos grupos políticos, que além de agenciar as propagandas nas emissoras podem se beneficiar dos papéis conferidos ao radialista e sua interatividade com o público. Por isso torna-se também fundamental perceber que os demais sujeitos que são os trabalhadores em escalão menor dentro da emissora façam o seu papel, seja

---

<sup>52</sup> Entrevista de Paulo Nogueira (diretor atual da rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon), realizada em agosto de 2014 em Marechal Cândido Rondon por Rosana Déa Marques Gonsalves

na locução, na elaboração da programação, no chamamento publicitário conforme apontou Santaella:

Munidos de uma lente capaz de filtrar essas sutis distinções, torna-se possível caracterizar os agentes de produção e os agentes de reprodução de cultura também como trabalhadores explorados ou não, ou seja, sua situação de classe, dependendo do papel concreto que desempenham no processo de trabalho. Torna-se possível ainda apontar para os proprietários dos meios de produção e difusão de cultura que, aliás, raramente são os agentes dessa mesma produção. Nessa medida, torna-se possível, enfim, caracterizar – e isto parece ser o mais efetivo em termos de estratégia política – quais são os dominadores e quais são os dominados, onde estão os exploradores e onde estão os explorados, também no território da cultura.<sup>53</sup>

É relevante perceber que os sujeitos despossuídos dos meios, mas que ofertaram sua mão-de-obra também fazem parte desse processo de inserção da radiodifusão. O movimento que se cria na rede de relações entre o radialista e seu público é dinâmico. E ao mesmo tempo, que é agente de difusão, está diretamente ligado às demais relações que o conectam ao seu mundo, em seu tempo e espaço.

É nesse quadro de surgimento das emissoras vinculadas ao poder político, mas exercendo o trabalho de forma ainda amadora e precarizada que situamos a trajetória profissional de Ilário Kehl. Ele exerceu atividades vinculadas tanto à Rádio Difusora quanto à Rádio Educadora, e quando do seu falecimento em 2009, ainda era funcionário dessa última emissora que com exclusividade deu a notícia ao vivo em sua programação diária antes mesmo da própria viúva e os demais familiares tomarem conhecimento do fato.

O radialista foi assassinado na emissora de rádio que trabalhava, dirigia e da qual era proprietário, e a retirada do corpo bem como os trâmites gerais para atravessar de Marangatu para o Brasil, demorou uma tarde inteira. Foi a sua equipe de colegas da radiodifusão e do jornalismo de Marechal Cândido Rondon que auxiliou o seu retorno em conjunto com a polícia do Brasil e dos seus familiares.

---

<sup>53</sup> SANTAELLA, Lúcia. Cultura popular: as apropriações da indústria cultural. In: Produção de linguagem e ideologia. São Paulo: Cortez, 1996.p.306

## **Capítulo 2 O Alemão Louco: um personagem em construção**

Neste capítulo, nosso objetivo é compreender a trajetória do radialista Ilário Kehl em emissoras do oeste paranaense e outras mais distanciadas dessa região. Para tanto, procuraremos nos deter nos aspectos que margeiam os programas por ele produzidos e apresentados, a partir dos documentos coletados e organizados por ele mesmo.

Como já dissemos, Ilário Ermindo Kehl era jovem, tinha cerca de 20 anos de idade quando iniciou suas atividades no universo radiofônico. De origem de família simples, que tinha as atividades do cotidiano direcionadas no campo, ele teve sua infância no interior do Rio Grande do Sul em Crissiumal e foi com seus pais ainda criança residir em Marechal Cândido Rondon na década de 1940.

Após completar o ensino Ginásial, Kehl foi trabalhar no seu primeiro emprego na Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon, inaugurada em 1966. Ele iniciou suas atividades trabalhando como programador musical nesta emissora juntamente com a primeira equipe de trabalho. E foi também nessa mesma emissora de rádio, que Ilário passou a desenvolver outras funções, se identificando com a locução e tornando-se também radialista.

É interessante destacar que Ilário Kehl construiu um personagem que o acompanhou no interior e fora da atividade radiofônica. Ainda hoje a menção ao Alemão Louco permanece viva na cidade, e na sua esteira outros personagens com características parecidas apareceram: Nhô Jeca, personagem de Dirceu da Cruz Vianna, atuando desde 1980 na Rádio Educadora e Alemão da Roça, ambos da Rádio Educadora.

É preciso destacar que a própria construção da carreira do radialista não se descola do personagem. Nas muitas emissoras em que trabalhou, ele carregou consigo o personagem e uma forma de se apresentar que o tornou conhecido, possibilitando dessa forma esses inúmeros deslocamentos profissionais.

Na coleção de documentos por ele organizados estão os contratos de trabalho assinados com as várias emissoras da região <sup>54</sup>. Ele iniciou suas atividades como programador musical na Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon e logo passou a exercer as atividades de radialista nesta emissora em 1966. Eram os anos iniciais das atividades radiofônicas na cidade, o que facilitava a inserção de funcionários que ainda não tinham tido nenhuma experiência no setor. Nessa época, a emissora mais próxima se situava na vizinha cidade de Toledo.

Assim, esses profissionais exerciam funções diferentes e buscavam na locução e na apresentação de programas um caminho para serem reconhecidos junto ao público ouvinte e também uma forma de ascenderem profissional e financeiramente.

Fica claro que naquele momento inicial da radiodifusão no oeste do Paraná, pelo menos, a maior parte dos radialistas desenvolviam múltiplas funções. No caso de Ilário Kehl, ele inicia como programador, logo se torna locutor, radialista e jornalista. E quando está trabalhando noutras emissoras de rádio, nos seus contratos apontam o desenvolvimento de várias atividades inclusive na publicidade como negociador junto aos patrocinadores de seus programas – forma de garantir a viabilidade financeira deles.

Em entrevista concedida pelo atual diretor da Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon, Paulo Nogueira, destaca o aprendizado prático das funções dentro das emissoras, e a possibilidade de profissionalização a partir da possibilidade de se destacar em várias atividades:

A pessoa quando vem pra rádio, ela sabe que tem uma função específica, ela vem pra rádio pra determinado setor, pra determinado trabalho, mas tem o interesse pessoal dela de ir aprender nos outros setores, porque as oportunidades estão ali, se não é aqui, pode ser numa outra emissora, pode ser em qualquer outro lugar, até mesmo num canal de televisão, num jornal, enfim, nesse meio as oportunidades vêm em função daquilo que você sabe fazer. Então eu, ou outros radialistas que eu conheço, a maioria começou exatamente como eu, como operador de som. Depois, foram tentando aprender outras funções, foram aprender a função de redação, jornalismo, aprendendo a fazer algo mesmo que não seja de sua área, que não seja especificamente pra aquilo que foram contratados, e estes são os que estão aí no mercado de trabalho há muito tempo e dificilmente saem. <sup>55</sup>

<sup>54</sup> Documentos profissionais, recibos de pagamento, contratos com emissoras de rádio, bem como a documentação da concessão da emissora paraguaia Marangatu FM, fazem parte de uma pasta- arquivo organizada pelo radialista por ordem de data.

<sup>55</sup> Entrevista de Paulo Nogueira (diretor da atual Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon) realizada em agosto de 2014 por Rosana Déa Marques Gonsalves.

Ilário Kehl, filho de marceneiro e agricultor, como já salientamos, de família simples e sem relações políticas e sem ter cursado radiojornalismo ou comunicação, encontrou nas emissoras em que trabalhou sua forma de sobrevivência e ascensão. Dessa forma, ele se deslocou por inúmeras cidades, onde trabalhou buscando novas oportunidades.

A característica itinerante do próprio radialista auxiliou no processo de popularização do personagem Alemão Louco. Essa itinerância é apresentada em sua documentação trabalhista, que aponta os contratos de trabalho durante sua trajetória profissional. Em todas as emissoras que trabalhou na região sul e sudeste do país o programa musical era apresentado pelo Alemão Louco. O Paraná foi onde mais se fixou, principalmente na região fronteiriça, trabalhando em Toledo, Palotina, Guaíra, Foz de Iguaçu, Pato Bragado, Marechal Cândido Rondon e se estendendo em direção ao Paraguai, trabalhando em Puerto Adela e Puerto Marangatu.

Esse processo de itinerância se desenvolveu de acordo com as suas necessidades trabalhistas, pois buscava novos contratos, insatisfeito com suas condições financeiras, buscando a ascensão profissional e financeira. Em sua documentação, os contratos de trabalho apontam esses deslocamentos bem como a diversidade de funções exercidas nas diferentes as emissoras em que trabalhou.

No contrato de trabalho da emissora Sociedade Vicente Pallotti de Palotina de 1972, é possível perceber também, o acúmulo de funções do radialista, descritos na terceira cláusula:

O Sr. Ilário Kehl dirigirá a rádio, contratará as pessoas necessárias à mesma, por sua responsabilidade, procederá a venda de publicidade, fará a cobrança.<sup>56</sup>

Portanto, funções muito além da programação e apresentação dos programas.

Em aproximados seis anos de profissão, portanto, desde que ingressou na Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon, o radialista tornou-se popular e com confiança o suficiente para se tornar diretor da programação da emissora em Palotina. E parte dessa confiança se devia ao fato de que além de simples radialista, mantinha os índices de audiência satisfatórios com o seu programa popular de cunho humorístico, em

---

<sup>56</sup> Documento do acervo do radialista. Contrato de trabalho- Rádio Sociedade Vicente Pallotti de Palotina de 1972.

particular pela aceitação e identificação do público de um modo geral com o personagem Alemão Louco.

Outro fator igualmente relevante é seu interesse geral nessa ascensão profissional desde os primórdios na profissão, quando ainda na Rádio Difusora do Paraná de Marechal Cândido Rondon buscava enaltecer a audiência de toda a programação da rádio buscando maneiras de publicizar a inauguração da emissora. Em 1967, seu esforço em divulgar a rádio fica evidenciado em documento publicado em Curitiba, num periódico da TV Tarobá constante do seu acervo <sup>57</sup>, onde no espaço dedicado ao envio de comunicados foi publicada carta de Ilário Kehl informando sobre o sucesso da recém inaugurada Rádio Difusora. Ele então já percebera também que para além de seu personagem se estruturar diante de um público ouvinte que se identificasse e que mantivesse bons números de audiência, havia a necessidade de se obter patrocinadores que mantivessem seus programas com verbas publicitárias.

A percepção desses fatores, o impulsionou na busca de novas oportunidades que possibilitassem sua ascensão social e financeira. Ele não foi o único a se valer desses expedientes. Outros muitos radialistas têm em suas histórias nas pequenas cidades do interior, aspectos similares quanto á itinerância em busca de ascensão. O que queremos destacar, todavia, em relação a Ilário Kehl é que nem todos puderam se valer das dos mesmos expedientes, e nem todos obtiveram a popularidade conferida ao personagem Alemão Louco que foi se construindo durante a trajetória nos programas e emissoras que o radialista trabalhou.

Nessa época, possivelmente dando continuidade à sua rede de contatos na região, Kehl é mencionado como diretor fundador do jornal O Semanário do Oeste, de Palotina, do qual localizei em sua documentação apenas uma única edição datada de 1971. Esse jornal não se sustentou regionalmente, outros jornais do período ganharam projeção, no entanto, não há registros de que essa atividade tenha sido priorizada pelo radialista que se envolveu mais diretamente com as emissoras de rádio.

Assim, em 1977, Ilário Kehl tornou-se locutor e diretor artístico na emissora Rádio Sociedade Catarinense Ltda, em Joaçaba, Santa Catarina, tentando uma mudança um pouco mais distante da região oeste do Paraná. Na década de 1980, trabalhou como locutor, apresentador, animador e diretor de programação na Rádio

---

<sup>57</sup> Periódico destinado como cortesia às emissoras associadas do Paraná, de Março-1967.

Cultura de Guarapuava no Paraná. Nesta mesma década, trabalhou quase integralmente com programação também na emissora de Marechal Cândido Rondon na Rádio Difusora do Paraná. E quando estava trabalhando noutras emissoras de rádio, seus contratos apontam o desenvolvimento de várias atividades inclusive na publicidade como negociador junto aos patrocinadores de seus programas.

Simultaneamente em 1989, ele tinha contrato também com a Rádio Guaíra de Guaíra Ltda, contratado como diretor e responsável em apresentar uma nova programação para esta emissora.

É possível perceber que a radiodifusão adentra no cenário do oeste do Paraná de maneira precária, mas segue com os interesses locais e comerciais e que permeiam alguns documentos do radialista. Em documento de 1989, da Rádio Guaíra de Guaíra Ltda, localizada no extremo oeste do estado do Paraná, já quase na linha geográfica da fronteira do lado brasileiro, há orientação clara na carta administrativa do diretor-presidente da emissora, uma espécie de comunicado interno aos funcionários da emissora no sentido da modernização, estruturação financeira e profissionalização:

Em decorrência da atual situação da empresa e das normas constitucionais, a rádio Guaíra de Guaíra Ltda, passa por nova fase de reestruturação. Os objetivos são: o aumento do faturamento em 300% num prazo de 90 dias, porém em vista da atual situação financeira da empresa será feitas modificações na estruturação e o conseqüente remanejamento de pessoal e a dispensa de alguns funcionários para o plano de economia, segundo a lei só poderão usar o microfone os que tiverem o registro de radialista ou jornalista com mínimo de cinco anos de profissão reconhecidos. Em vista da viagem do Sr. Marco ao Canadá, assume a função como diretor o Sr. Ilário Kehl, que irá implantar uma nova programação já adequada aos 5.000Watts, possíveis.<sup>58</sup>

O documento nos aponta, portanto, um novo elemento no que diz respeito ao acesso ao microfone, restringindo o exercício da profissão ao diploma de jornalista (exigência estabelecida pelo decreto-lei 972 de 1969 e pela Lei de Imprensa, de 1967), no caso sendo facultado o registro após o exercício continuado da profissão por um período mínimo de cinco anos. Claramente, essa legislação representava uma limitação ao acesso profissional, impedindo o amadorismo (inclusive, como em muitos casos, um

---

<sup>58</sup> Carta interna (espécie de memorando) dirigida aos funcionários apresentando as novas propostas da empresa diante da contratação de Ilário Kehl-1989.



apresentador – amador - vinculado a determinado contato publicitário).

O radialista também trabalhou na Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon, a segunda emissora instalada na cidade em 1977. Na documentação, junto aos contratos de trabalho, não há nenhum com essa emissora. No entanto, há informações de que atuou nos anos que não estava com o contrato assinado com a Difusora, a concorrente no município, tendo assim autonomia para atuar noutras emissoras principalmente fora da cidade. Nesta emissora, trabalhou aproximadamente 20 anos, da década de 1990 até 2009 junto á Rádio Educadora do Paraná.

É possível perceber a autonomia que o radialista tem em manter seus diversos contratos simultâneos no rádio, na publicidade ou executando outra função como jornalista ou locutor esportivo, cuja proximidade e afinidade com o futebol o aproximou a diversos pequenos clubes locais e regionais. Tal detalhe é importante, pois salienta que por meio de sua trajetória o personagem Alemão Louco se constrói e se sustenta por meio de sua popularidade tornando tal processo cíclico.

O primeiro programa apresentado por Ilário Kehl na Rádio Difusora de Marechal Cândido Rondon era chamado de Lenço Colorado, e está documentado no acervo, apontando-se algumas de suas características:

13:30 às 15:00 h - Lenço Colorado  
 Apresentação Ilário Kehl. No programa utiliza o pseudônimo: Alemão Louco. Sertanejo típico. O apresentador caracteriza o homem do interior. Possui personagens imaginários que participam do programa. Músicas sertanejas com animação carregada de humor e sátira dos acontecimentos regionais, nacionais e internacionais do dia, temas culturais, etc. Inigualável e inimitável em todo Brasil. Os avisos, convites e outras comunicações divulgados no programa também obedecem a linguagem típica.<sup>59</sup>

O modelo do programa Lenço Colorado não é inédito, mas a popularidade

---

<sup>59</sup> Documento do acervo do radialista. Programação da Rádio Difusora do Paraná – Marechal Cândido Rondon-PR, déc. de 1980.

conferida ao Alemão Louco por Ilário Kehl, que fez com que o programa permanecesse com bons índices de audiência por mais de quatro décadas. A popularidade do personagem, fez com que muitos outros radialistas surgissem com programas similares noutras emissoras, muitos com nomes parecidos - nada que fugisse do formato dos primeiros programas desse estilo na radiodifusão no Brasil. Há que se ressaltar também que o nome do programa “Lenço Colorado” se remete ao simbolismo gauchesco, no entanto, as músicas tocadas durante o programa são de diversas origens, de diversas regiões do país.

O outro programa que o radialista fez na Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon, chamado Música e Alegria tinha um teor similar. O diferencial era apenas a presença deles do Alemão Louco, tanto que ambos os programas existem ainda com os mesmos nomes e não sofreram muitas variação desde que iniciaram. É relevante apontar que a maneira que Ilário conduziu a história do seu personagem e a interação com o público ouvinte foi por meio de um processo construído continuamente.

Para essa interação, ele se aproximou de “carne e osso” do seu público, experimentando vivências similares aos dos ouvintes e muitas vezes partilhando no mesmo ambiente com seu público. O Alemão Louco, desde que Kehl fora apelidado jovem iniciante no mundo radiofônico, interagiu com o público em festas, cerimônias de casamento, batizados, festas populares, nas quais era convidado como animador ou para realizar locuções nos cerimoniais. Atuava nas locuções de futebol, fazia coberturas jornalísticas gerais de assuntos que variavam do tema policial ao político.

Na década de 1980, há ainda documentos que comprovam pagamentos emitidos pela Copagril (cooperativa agrícola de Marechal Cândido Rondon), são pagamentos referente às chamadas publicitárias que fazia em seus programas, apontando assim como sua versatilidade nas funções diversas o auxiliaram nessa trajetória. E por outro lado apontam o sucesso marcado e conferido pelo personagem Alemão Louco, que aumentava os níveis de audiência em sua programação, confiança depositada pelos seus anunciantes.

Em todas as emissoras que trabalhou, em seus inúmeros programas, na verdade quem atuava era o personagem Alemão Louco. Esta era sua marca registrada, num certo sentido uma mistura entre pessoa humana e personagem de ficção, embora seus ouvintes não fizessem esse tipo de distinção, e simplesmente o encaravam como o Alemão Louco, o radialista de programa popular com forte interatividade com seu

público ouvinte.

É possível perceber que Ilário Kehl busca uma projeção direta junto ao seu público, e ao perceber que os índices de audiência aumentam trabalhando com o programa de humor, o tenham focado nessa atividade conforme mencionou sua filha Graciela Kehl em entrevista:

Ele começou com 18 anos na rádio. Ele não gostava do serviço no campo, fugia do campo e quando viu uma oportunidade na rádio ele começou com esse personagem Alemão Louco sem saber no que ia dar. E fez tanto sucesso que ele passou a vida inteira no humor, tanto que ele tinha o lado jornalístico, mas o forte mesmo era no humor.<sup>60</sup>

Ilário Kehl, em sua trajetória no universo radiofônico, se acomoda dentro dos parâmetros desse campo simbólico, se fazendo e tornando-se homem público. A sua sobrevivência e sucesso conferidos ao personagem trazem essa marca desse campo paralelo e quase autônomo, do qual o radialista buscou em sua trajetória a especialização prática junto a esse meio midiático.

Assim, a programação musical do Alemão Louco tem uma variada seleção de músicas que não são apenas concentradas em canções de origem alemã, mas tendem a atender a diversidade de seu público ouvinte. Essa variedade sonora tem como ponto de partida os sons do cotidiano, que são músicas populares que agregam instrumentos e mesclam sons, não havendo portanto, um estilo único difundido nos programas do radialista.

Essas misturas de estilos são explicadas por processos diversos, de transformações sociais ao longo da história cultural do Brasil, no entanto os processos migratórios e de urbanização de um modo geral contribuíram para estas mesclas sonoras.

Nesse sentido, os programas do Alemão Louco e sua programação musical ainda se inserem num contexto espacial de processos migratórios constantes, que é a região de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Os processos migratórios locais e regionais são partes constituintes da história do Paraná e principalmente desta região oeste, onde se iniciou a construção do personagem.

---

<sup>60</sup> Entrevista de Graciela Kehl (filha do radialista), realizada em 2014 em Marechal Cândido Rondon por Rosana Déa Marques Gonsalves.

A faixa fronteiriça geográfica desta localidade é uma região dinâmica com trânsitos atuais constantes que ocorrem de maneira complexa conforme veremos no capítulo a seguir. A faixa da fronteira geográfica para quem vive nessa região é apenas uma faixa fictícia, pois o trânsito de brasileiros e paraguaios na região é comum. Assim, a programação musical do Alemão Louco, não se constitui de um único estilo, ao contrário, apresenta uma variedade musical que compreende estilos que também atendam o seu ouvinte juvenil (a exemplo da fita com músicas da cantora contemporânea Shakira).

No total de 80 fitas cassetes que sobraram das gravações musicais dos seus programas, a classificação feita pelo radialista, aponta que ele dividia essas fitas não apenas por estilo musical, mas por uma classificação que o auxiliava na composição de seus programas.

Assim, as músicas que eram tocadas na programação eram previamente gravadas a fim de facilitar a seleção e atender aos pedidos dos ouvintes. Algumas são de uma mesma banda ou grupo e outras apresentam conteúdos variados.

A classificação efetuada por ele nas fitas que sobraram de sua totalidade foram inicialmente enumeradas e nomeadas da seguinte forma: Alemã-Dia, Amado Batista, Bandas, Conjuntos, Country, Cristian e Ralph, Cumbias-Tarde, Deudch, Exitos-suaves, Festa da Cerveja, Gaúcha, Gaúcho da Fronteira, Hits, Luteranas, México-Noite, Espanha-Suave, Musical Alemã, Os Serranos, Os Vibrantes, Porca Véia, Povão, Rádio Comunitária-Rádio Esperança, Rítmos forró, Romance Super, Rui Biriva Gaúcha, Shakira, Sertão Country, Sertão Regional, Sertanejas, Sertão-Xonado, Tropical Rock, Viva o Kerb.

Essa organização do radialista possivelmente o auxiliava nos programas, mas ouvindo as fitas é possível perceber a mescla sonora que aponta os diversos gêneros musicais.

A música brasileira pode ser subdividida por regiões, mas com as alterações contemporâneas, contextos sócios-temporais e novas tecnologias há uma adição de instrumentos e ritmos que acabam por transformar esses estilos. Se antes tínhamos uma dualidade espacial determinando o que era um forró e o que era a música sertaneja, a interação de diversos elementos musicais, bem como inclusão ou exclusão de alguns instrumentos têm alterado alguns ritmos ditos originais e específicos de determinada região.

Nesse sentido, não é possível determinar um estilo único cultural devido também a imensa e variada disposição de sonoridades espalhadas no país. E mesmo se pensarmos nos estilos já nominados anteriormente como as chimarritas, a trova galponeira, os chamamés ou o fandango, estes já não eram estilos puros e sua originalidade advém de um processo histórico que também se alterou e agregou contextos diversos e musicalidades que são próprias da América Latina.

Os índices de audiência de seus programas com o personagem Alemão Louco permitem entender como se sustentou dentro desse campo e explicam como se popularizou por meio dessa linguagem midiática. Nesse sentido, perceber a trajetória do radialista, torna-se necessária para a compreensão da sua acomodação nesse universo radiofônico bem como sua projeção profissional.

Na busca pela ascensão profissional e pelo sucesso, o radialista Ilário vai se transformando em homem público dentro desse universo específico com essa linguagem tecnológica. O personagem Alemão Louco também se acomoda nesse universo possibilitando ao radialista maior popularidade, e é nesse campo midiático que ele se insere, numa trajetória profissional que dura quase cinco décadas.

É necessário apontar que estas experiências noutras emissoras de rádio, possibilitaram maior difusão dos seus programas e do personagem Alemão Louco projetado pelo radialista, que conquistava novos públicos com a assertividade de aumento significativo na audiência. No entanto, outros fatores contribuíram para sua popularização. A forma que Ilário incorporou o humor em seu personagem promoveu a identificação do seu público. O Alemão Louco buscou no cotidiano das pessoas das localidades que passou, traços que os identificassem, brincadeiras próprias antigas e recentes dessa cultura popular regional.

O personagem era popular exatamente porque difundia características de identificação muito próximas de seu público, o que lhe conferia a respectiva audiência, tornando o processo de remontagem que agregava para si o que o próprio público sentia como necessidade. Esse processo se tornou cíclico conforme o radialista percebia os picos de audiência, conforme introduzia uma nova piada, ou mesmo quando reproduzia uma piada antiga conhecida no contexto das pessoas mais velhas. Atingia dessa maneira, ao mesmo tempo, várias faixas etárias em sua programação.

Perceber esse processo de construção do personagem durante a sua

trajetória é necessário, pois aponta que para além de usufruir de uma linguagem específica do humor já usual de vários radialistas humorísticos. O Alemão Louco se especializava em responder a questões do cotidiano dos seus ouvintes, fossem eles brasileiros ou paraguaios. Os traços culturais decodificados de maneira dinâmica e constante o tornavam próximo do seu público.

O estilo de programa musical com tom humorístico nas emissoras de rádio no Brasil remonta os anos trinta e possui um padrão com chamadas musicais e intervalos comentados pelo radialista, que faz piadas, conta anedotas e sátiras do cotidiano. Os programas apresentados pelo Alemão Louco seguiam esse padrão. Portanto, não exigiam muitos recursos. Tudo se centrava no personagem, e como já salientamos, o diferencial que lhe conferiu popularidade decorreu das características locais e regionais introjetadas no personagem, de maneira que os ouvintes do seu programa se identificassem.

O Alemão Louco possui, por outro lado, forte influência destes personagens mais populares das grandes cidades. O radialista buscava sua inspiração noutros programas de humor em rádio e tinha a necessidade de atualizar-se, buscando saber o que acontecia no mundo, não apenas sobre notícias através da imprensa escrita, indo além dos repertórios musicais.

Em sua documentação, além do acervo musical e jornalístico deixado após o seu falecimento, existem diversos livros e revistas de humor, desde revistas comuns do período, com piadas gerais a alguns livros de Juca Chaves. No acervo de filmes em VHS que deixou, também há diversos filmes de Mazzaropi, humorista popularizado através dos filmes nos cinemas alcançando o auge do sucesso na década de 1970. Sobre alguns destes filmes, há nessa documentação alguns cartazes que o radialista utilizava nas mostras de filmes que realizava de maneira itinerante (analisaremos estas questões no próximo capítulo).

Na sua trajetória no rádio, o Alemão Louco procurou logo inserir algumas características próprias destes personagens do riso com maior popularidade tanto do rádio, quanto do cinema, já que ele percebeu que através do riso atraía mais seus ouvintes. Dessa forma, o personagem “bebia” nessas fontes, mas falava diretamente ao habitante da região fronteira. Assim, podemos identificar algumas “formas” que gestaram o personagem. A primeira delas seria o caipira.

De qualquer modo, na construção do personagem, no que toca aos aspectos de “caipira”, é colocada em relevo sua situação na cidade, algo que já não era inédito, pois nas emissoras de rádios paulistas, isso já acontecia há algumas décadas conforme apontou Duarte<sup>61</sup>.

Para além da fala radiofônica, o personagem era apresentado na imprensa escrita com determinadas características que o definiam e permitiam rapidamente uma identificação: chapéu de palha, o “pito” característico e um olhar contemplativo:



A caricatura do personagem no folhetim onde foi publicada talvez tenha sido incrementada com o vestuário típico – chapéu de palha e camisa xadrez - por se tratar de um informativo no período de festas juninas. Nele - é um folhetim simples de divulgação das lojas Felipe, - Alemão Louco é mencionado como o “garoto propaganda das Casas Felipe”, acrescentando que, para além de radialista, tratava-se de uma pessoa versátil que executa outras funções, que atuava nas propagandas televisivas e que teve um programa na tv que não se manteve, mas que sua popularidade foi mantida no rádio. O folhetim de nome Felipinho é datado de 1983, mesmo período que estava retornando para a Rádio Difusora do Paraná que apresenta o radialista enaltecendo suas múltiplas funções:

“Além das funções no rádio e de ser o garoto propaganda das Casas Felipe

---

<sup>61</sup> DUARTE, Geni Rosa. Risos de muitos Sotaques: o humorismo no rádio paulistano (1930-50). In: Art e Cultura, Uberlândia, v.9,n.15, p.181-193, jul.-dez.2007.

exibe filmes fotográficos no interior que além de ser um extra não deixa de ser um hobby.”<sup>62</sup>

O “caipira” Alemão Louco carregava esses elementos no personagem com certas particularidades locais. O sotaque misturando o sotaque alemão, o italiano, o polonês, o espanhol faziam também parte do personagem. De certa forma, isso o fez alcançar pessoas que ainda não se entendiam muito bem com a língua portuguesa, principalmente as pessoas mais idosas.

Ressalte-se que frequentemente ele se dirigia aos ouvintes também em espanhol, pois conhecia o alcance do rádio na fronteira com o Paraguai. A caracterização vocal do personagem incluía, portanto, uma mistura de sotaques regionais (dialeto alemão misturado com o italiano), recheado de vícios linguísticos, barbarismos, solecismos, anfibologias, pleonasmos viciosos, ecos e muitos cacófatos.<sup>63</sup>

Este último vício é comum na linguagem do homem do campo local, porém o personagem exagerava essa característica, criando uma caricatura. Esses diálogos não tinham uma rigidez nos seus conteúdos, os formatos eram alterados diariamente, ele discutia assuntos do cotidiano, boatos locais e de maneira jocosa apresentava as mazelas e alegrias do cotidiano do pequeno produtor local, satirizando-as e ao mesmo tempo, dando voz por meio do personagem ao homem do campo. Segue o fragmento inicial de um dos últimos programas gravados em 2009:

Até parece o programa do Waldir, né, hé, hê, hê, hê, hê, hê, hê...alô meus amigos, Poa tarde! Aos pom, eu, estamos ali com mais uma edição do programa Música e Alegriaa! (Música ao fundo) O cravateiro do programa, o meu amigo Lebron, o pipoqueiro, hê, hê, hê, hê, he, ele disse vai querer pipoca, vai pedir pro Prisman, né e daí nós i chunto comemo três quiilo por tarde, he,he,he, estamos ali pra mais uma esculhambação do Alemão! E vamos começar imediatamente no início do princípio a primeira atração musical do dia.(...)<sup>64</sup>

O radialista inicia esse programa como muitos outros, interagindo com

<sup>62</sup> Jornal O Felipinho - Casas Felipe – 1983.

<sup>63</sup>Vícios de linguagem: Disponível em:<<http://www.brasilescola.com/portugues/figuras-linguagem.htm>> Acesso em 28 de Jan de 2014.

<sup>64</sup> Fragmento do Programa Música e Alegria veiculado na Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon-PR com apresentação de Ilário Kehl de agosto de 2009.



seu público ouvinte e ao mesmo tempo apresentando o cenário interno da gravação que tenta dar visibilidade aos bastidores da rádio, comentando que tinha pipoca que o programador levava naquele dia e de certa forma colocando ao seu público uma imagem menos formal do que acontece nos momentos da gravação ao vivo do programa.

Além disso, ele torna o programa familiar, então se no período da tarde é um dos costumes locais tomar chimarrão ou tererê, que são bebidas típicas da região, ele também quer mostrar que isso acontece dentro da rádio popularizando não só os costumes da região, mas apresentando um cenário popular que fosse comum ao seu ouvinte e dessa forma interagir ainda mais com eles. Afinal, ele até poderia ter um ambiente onde tivesse a liberdade de comer a pipoca ou qualquer outro alimento, mas faz questão de tornar isso público aos seus ouvintes, e assim ficar mais próximo desse cotidiano desse público que se reconhece também por meio de suas falas. Lembrando para tanto que a bebida “tererê” é típica na fronteira, costume de brasileiros e paraguaios.

A substituição silábica na sua fala, quando troca a letra “p” pela letra “b”, ou ainda quando troca a letra “j” pela letra “c”, apresentam a linguagem local não formal, é típico nessa localidade a troca silábica principalmente pela população rural, mais estreitamente ligada ao dialeto das pessoas que não tiveram acesso a alfabetização e misturaram em sua linguagem dialetal as origens de sua língua dos ancestrais a outras linguagens regionais, incorporando sotaques italianos, polonês, alemão, espanhol e o guarani próprio dessa região fronteira.

A linguagem do programa tem um aspecto direcionado, no entanto o seu conteúdo é bem diverso do que o apenas sugerido como “tipicidade local”, as músicas solicitadas e tocadas na programação são de diversas origens.

De qualquer forma, essa incorporação transformou sua fala no rádio numa linguagem plural e singular ao mesmo tempo. Conseguia utilizar todas essas aliadas à língua portuguesa e assim esse “dialeto” multicultural se transformou numa linguagem única, engraçada e de alcance a vários tipos de ouvintes.<sup>65</sup> Isso pode ser percebido num trecho transcrito do programa “Música e Alegria”<sup>66</sup> gravado na Rádio

---

<sup>65</sup> No acervo do jornalista, juntamente com as fitas que contém a parte musical dos programas, há uma fita cassete com áudio precário onde Ilário atua como jornalista em evento em Pato Bragado. Essa fita foi recuperada dentro do seu gravador que utilizava para realizar suas entrevistas. As partes faladas trabalhadas para pesquisa se concentraram no único programa guardado por colega de trabalho em áudio digital. Os demais programas não foram acervados por ambas emissoras.

<sup>66</sup> A análise dos demais programas do Alemão Louco não foi possível, pois o único programa recuperado

Educadora de Marechal Cândido Rondon em 12 de agosto de 2009<sup>67</sup>:

É, ta!... Montanari, é os Montanario? né, tuto inspira achente farrabuto, como diz os italiano, mas eu gosto! Eu não gosto de bandinha, mas quando que toca os Montanari i eu fico mui loco tchô. Eles são da minha terra, lá do Concórdia, nós morava em Puberima, nós era do Concórdia, he, he, he, nós era tute igual que te esconta, lá de buona vara, meu amigo Busnello. A melhor impressão é aquela que fica, né!

O programa analisado, já citado anteriormente, possui aproximadamente quatro intervalos, com partes faladas, abordando assuntos pitorescos diversos do cotidiano, além de algumas piadas. O tempo restante do programa é compreendido pela programação musical e propagandas publicitárias. Esse foi o último programa que fez em 2009, e que consta do seu acervo pessoal.

É possível perceber nesse trecho a utilização de jargões mesclados. “Eu fico mui loco tchô.” é um exemplo de uma mistura entre o português, o espanhol que ainda usa o “Tchê” usual do gaúcho trocando o “ê” pela letra “ô”, criando o “Tchô”. Ele caricaturiza o próprio jargão, dando um sentido próximo ao do jargão original, no entanto, com a sua linguagem pessoal. Ainda faz uso no decorrer desse trecho da língua italiana: “tute igual”, “buona vara”.

He,he, antigamente tinha uma propaganda assim: A melhor impressão é aquela que fica!...E tem que ficá, né? He,he,não é ica,que nem hoje em dias os chofens dizem que é outra coisa, né? Vai ficar,né?. he, he, he,he.. .pô tá afim de namorar, casar ou só ficar, né? Aí todo mundo liberou geral diz, não, vamo só ficar, né? He,he, a vovó ia dizer assim: então ficar uh fera, né? He,he, [...] é o Egomar tem um priminho dele lá em Quinze de Novembro, lá em Birubá, né, o piá com oito anos ele já sabia esperto, antigamente na colônia agente tinha aquelas casa grande com corredor e tudo né, cinco, seis quarto, pra né, he,he, embora capunga fosse lá fora, he, he, he, he, aí o primo do Egomar caminhando no corredor olhou pra traz e viu o pai dele pelado com a empregada na cama(...)

Outro detalhe que é possível identificar no fragmento citado é a constante atualização dos fatos do cotidiano que o locutor menciona na sua fala, quando menciona

---

após o seu assassinato foi o exposto na pesquisa, o mesmo foi guardado nos arquivos pessoais de um colega de trabalho que o forneceu para realização desta pesquisa. Os demais programas não foram acervados pelas emissoras, que têm se preocupado com as questões em torno dos acervos dos programas nos últimos anos.

<sup>67</sup> Outro aspecto relevante em relação à transcrição desses fragmentos é diz respeito à perda de sentido simbólico parcial do documento, que deve ser ouvido (acompanhado ou não da leitura da citação), pois entre o escrito e o contado com teatralização, perde o seu sentido humorístico quando apenas lido.

o “ficar”, atualiza seu ouvinte sobre a nova gíria da palavra e seu novo significado dialogando dessa forma com o público tradicional e o público jovem e apontando uma factualidade do cotidiano atual ao programa.

A fala do personagem segue, com constantes interrupções de gargalhadas que o próprio personagem faz, ou seja, ele ri de sua própria fala e comentários, dando um tom sarcástico para a mesma. Ele interage no meio do programa com os funcionários técnicos da rádio, porque apesar da constância do silêncio nos bastidores, o personagem acaba provocando risos no ar de sua própria equipe. Ainda torna o ambiente da gravação familiar, mencionando o programador musical Egomar, dando “visibilidade” aos demais profissionais que o acompanham nas gravações direcionadas aos ouvintes, transmitindo dessa forma a mensagem subliminar de que o programa é feito num ambiente de total descontração e participação dos colegas.

E continua a piada:

(...) O piá olhou e falou assim: Pai ,o que vocês tavam fazendo?...Né, mas o piá já com as oreia em pé. E o véio falou assim, não, nós estamos fazendo massagem. Aí o piá foi um pedacinho pra frente e voltou e falou: pai, eu acho melhor o Sr. fechar a porta, porque se vem um estranho ele acha que o Sr. tá traçando a empregada, he, he, he, he [...]

O programa segue, e as piadas continuam até que num dado momento, ele inicia a fala em alemão. Estas partes estão suprimidas, pois a identificação da piada no dialeto utilizado é de difícil tradução. Todavia, são poucas tais lacunas, e na sequência, ele exprime em língua portuguesa a piada e os comentários. As poucas falas no dialeto alemão local apontam o seu contato com a amplitude de públicos, alcançando desde os mais jovens aos mais velhos desta localidade, já que muitos são de origem germânica, mas é apenas uma ferramenta que encontra para diversificar seu público ouvinte e procurar atender a maior gama de pessoas possíveis.

(...) He , he, perdemos o emprego ainda né compadre?... e só a gente fala como que é que tem que se falado se não tu já viu, né? He, he, he, é domingo era dia dos pai, tem tanta história do papai, he,he,he,he, é [...], he, he, he, he, que nem eu falei aqueles dia lá no norte no Amazonas, a moça engravida, daí é um boto cor-de-rosa, he,he,he, no Rio Grande é a cobra mesmo, he, he,he, ô Otacir?! É tudo cobra cega, não cobras que mordem, he,

he, ah vamos pra pedido de música. Se não nós vamos perder o emprego . Ô maquinista? Tá Pronta a música aí?...então mete o pau!

No fragmento acima o radialista nesse momento conta a sua piada que insere elementos regionais, mas elementos comuns nas piadas de outros diversos humoristas no Brasil, não se restringindo a uma única identificação local ou étnica. A piada com teor sexual é comum entre outros humoristas, inclusive no humor do Costinha, cujo material em formato de revista está incluso em sua documentação pessoal. A piada sobre a “cobra” é comum em outras regiões do país, não é exclusividade local.

Discutindo aspectos da formulação de um “tipo nacional” através do humor, Saliba observa nos personagens com essas características aspectos como “repetição e redundância, sempre atualizadas pelas circunstâncias e peculiaridades do momento”<sup>68</sup>, voltando-se para as circunstâncias do momento, rejeitando qualquer estabilidade. Portanto, a referência ao nacional, ou ao mais amplo, via caipira, vinha travestida dos aspectos locais a partir da referência ao tipo “alemão”.

Em meio à crise da modernidade, o humor incorporou a figura do brasileiro às avessas. A criação de personagens retratando o caipira do campo, não letrado, como diversos personagens que atravessaram o rádio após o modelo do Jeca de Monteiro Lobato na literatura, se identificam com seus espaços e temporalidades. A necessidade de se ter uma identidade brasileira definida, “o brasileiro” sai às avessas, pois acaba por identificar aquilo que era próprio do seu cenário, um sujeito rico de influências dos imigrantes, da diversidade étnica e cultural.

No caso de Marechal Cândido Rondon, o bordão “alemão”, vinculado à população da cidade de ascendência germânica, passou a ser um dos marcos desse humor radiofônico, continuamente reforçado pelo radialista Ilário Kehl. Não era o único, referencial, naturalmente, como se pode perceber na atuação do personagem, mas não deixava de ter a sua importância.

A heterogeneidade local faz parte desde a fundação da cidade, e os fluxos migratórios dentro do estado do Paraná ocorreram bem anteriormente aos dados

---

<sup>68</sup> SALIBA, Elias Thomé. Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p.128

mencionados conforme apontou Robson Laverdi:

Uma questão silenciada nas versões histórico- populacionais oficiais é a de que o extremo-oeste paranaense foi o destino comum para brasileiros de múltiplos itinerários, entre os quais aqueles migrados das pequenas cidades do estado para e na região no período posterior aos anos 1970. A sobrevalorização do papel da colonização empreendida pela MARIPÁ e de alguns colonos sulinos pioneiros envolvidos nesse processo contribuiu enormemente para nublar muitas trajetórias que compõem a paisagem social da região, até mesmo no período anterior à colonização. Nublou igualmente a participação dos que haviam participado desse processo sob outras formas, para além da tradicional forma do colonato, caso de trabalhadores parceiros e agregados.<sup>69</sup>

Stein refere-se à produção de discursos nessa direção, em Marechal Cândido Rondon, “a partir da segunda metade da década de 1980, por ocasião da realização da Oktoberfest, festa integrada ao projeto de germanização do município, iniciado em 1986. Projeto esse que, entre outras coisas, faz uma releitura e uma reconstrução de discursos presentes no período da colonização e na década de 1960, (...) objetivando compor os efeitos de significação, de legitimação e de reconhecimento pela população do município”<sup>70</sup>. Prosseguindo, o autor assinala que se percebe aí “uma intensificação de discursos proferidos por órgãos de imprensa locais que instituem um caráter “laborioso”, “ordeiro” e “disciplinado” para a população rondoniense” (p. 76), na pressuposição de que ali o Brasil estava “em ordem”. Para tanto, desenvolvem-se inclusive projetos arquitetônicos visando dar um ar germânico à cidade, buscando distingui-las das demais.

A construção de um ideário germânico como parâmetro identitário local teve suas oscilações entre os aspectos positivos e negativos em relação ao tempo em que foram aplicados desde o processo de colonização ao de revitalização das cidades na costa oeste do Paraná. Num dado momento a população germânica era associada ao aspecto negativo dessa rememoração, como por exemplo, aos efeitos do nazismo e noutro momento, conforme as necessidades locais e do próprio poder público, agregava características positivas de um modo de ser germânico.

<sup>69</sup> LAVERDI, Robson. Tempos Diversos, Vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná. Curitiba: Ed. Aos Quatro Ventos, 2005. p.85

<sup>70</sup> STEIN, Marcos Nestor. A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996). 2000.133f. Dissertação de Mestrado apresentada em Florianópolis no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina sob orientação do Prof. Dr. João Klug. – p. 75

Laverdi critica o fato de Stein ter buscado uma perspectiva que buscasse “compreender o discurso da germanidade, datado a partir dos anos de 1940 com a colonização, tendo como base os elementos de interferência do Estado e da Colonizadora [Maripá] na concepção e desenvolvimento do projeto de seleção do elemento humano”, parecendo estar falando de “uma mesma temporalidade”<sup>71</sup>. Todavia, no nível discursivo, o olhar para o passado procurava presentificar o processo de colonização, intervindo na construção de heróis a partir de pessoas proeminentes da cidade.

Na verdade, o que fica claro enquanto contribuição historiográfica é que partindo destas pesquisas, o que tenta se decodificar culturalmente como traço único e homogêneo é ao contrário bastante diverso. Mas tanto Laverdi quanto Stein, destacam que essas tradições germânicas incorporadas, tais como a Oktober Fest estudada por Queirós<sup>72</sup> na verdade são recriações e adaptações culturais e que não são peças originais de uma cultura una. Laverdi procura desconstruir a homogeneidade desses discursos ao trazer, em seu trabalho, as vozes dissonantes de migrantes, apontando a diversidade – étnica, cultural, temporal – desse processo.

Pode-se dizer que o personagem Alemão Louco, num certo sentido, foi desconstrutor desses aspectos de ordem e de valorização do trabalho, situados pelos discursos oficiais a partir do elemento germânico trazido para o município desde a colonização. Ilário Kehl reconstrói um dialeto característico, misturando o alemão, o italiano, o guarani e o espanhol ao português, compondo uma mescla que atendia à própria diversidade dos ouvintes, mas que, ao mesmo tempo desconstruía uma identidade una. Ao mesmo tempo, o tipo de humor veiculado nos programas vinha exatamente quebrar o estereótipo do sujeito trabalhador, operoso, disciplinado, incorporando e realçando exatamente as características do “outro” que o discurso oficial germanista procurava impor como contraposição, como assinalou Stein, quando este último, “ao apontar o diferente, objetiva reafirmar e construir a identidade rondonense através do contraste, quase sempre fazendo apologia de si”<sup>73</sup>.

Nesse sentido, retomando os posicionamentos expressos por Mirian Goldfeder – no caso analisando programas de humor da Rádio Nacional por volta dos anos 1950 –

---

<sup>71</sup> Laverdi p. 66

<sup>72</sup> QUEIROS, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de. A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná. Campinas, Editora da UNICAMP, Dissertação (Mestrado em Educação Física), 1999.

<sup>73</sup> Stein, dissertação, p. 79

podemos nos perguntar sobre os efeitos corrosivos desse humor veiculado por Ilário Kehl nas emissoras de rádio rondonenses. Para essa autora, é fundamental, nos programas de humor, “perceber o efeito de ruptura produzido pelo cômico em relação à lógica cotidiana, às normas sociais, enfim, destacar seu efeito corrosivo em relação ao sistema de valores ordenadores das relações sociais”. Tomando então a produção humorística como “campo simbólico passível de ser penetrado por um discurso mais amplo no sentido ideológico do terno, ocupando, no entanto, um papel específico em relação aos seus efeitos sociais”<sup>74</sup>, a autora procurou atentar para os seus limites e suas aberturas no sentido de veicular um discurso mais avançado.

No caso do Alemão Louco, esse humor corrosivo fica muito patente em outras representações da sua figura.

Na imagem reproduzida abaixo, de um folder que anunciava sua volta à Rádio Difusora, evidenciam-se, por outro lado, outras características do personagem. Estas são claramente assumidas por ele, que as coloca em primeira pessoa (“Estou de volta...”), mas a figura apresentada destoa do caipira que apresentamos anteriormente. Quase como outra face do personagem, aqui fica evidenciado um aspecto malandro, presentes no sorriso e no boné meio de lado, mais distanciado do caipira mais ligado às lides com a terra.



Outro aspecto corrosivo do humor veiculado pelo Alemão Louco pode ser discernido no seu desejo de seguir uma carreira política. Assim, como outros tantos radialistas do país, tentou galgar um posicionamento como vereador acreditando nas

<sup>74</sup> 14 GOLDFEDER, Mirian. Por trás das ondas da Rádio Nacional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 99.

possibilidades que a atividade radiofônica lhe abria. Sua família não possuía vínculos com as forças políticas da região ou do Estado, e nela não havia ninguém que tivesse tentando se candidatar. No seu acervo pessoal, consta um diploma como 6º vereador suplente no período de 1983 a 1989. Havia conseguido 266 votos, concorrendo pelo PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e embora tivesse sido eleito não prosseguiu na carreira política diretamente e não participou como candidato novamente. Na entrevista com a filha do radialista, ela narra que na época da propaganda eleitoral, Ilário ia com ela de motocicleta às “linhas” (zona rural) e subdistritos de Marechal Cândido Rondon para entregar “os santinhos” (publicidade). Informou ainda que o *slogan* do “santinho” era “Ladrão por ladrão, vote no Alemão” – o que possivelmente não ajudou muito ele no pleito eleitoral, mas o alçou apenas à suplência.

Ele não conseguiu se sustentar no meio político, estava constantemente envolvido em polêmicas, conforme os colegas de trabalho já haviam mencionado anteriormente. Sabe-se que além de não possuir recursos financeiros para alçar maiores saltos na política, não tinha uma linha fixa partidária, tendo em vista que as duas principais emissoras locais da cidade nas quais trabalhou, estavam ligadas a grupos políticos diversos. Dessa forma, conseguiu adentrar no universo político-partidário, e cumpriu o seu mandato como vereador suplente. Possivelmente o fato de seu nome estar ligado a um personagem caricatural controvertido, acostumado a contar piadas, e efetuar críticas políticas, distanciado das “coisas sérias da vida”, não o tenha favorecido nesse processo de construção de uma carreira política, no entanto fazia parte desse universo.

O que fica claro é que a sua principal ferramenta para eleger-se foi a sua popularidade com o personagem Alemão Louco, cujo slogan foi inclusive utilizado em sua campanha. Nesse sentido, personagem e indivíduo se configuram numa única pessoa e pode-se perguntar se teria sido eleito Ilário Kehl ou o Alemão Louco. E para além disso, a radiodifusão possibilitou sua ascensão, onde o homem privado se misturou com o homem público.

Ele não participou mais das eleições subsequentes, voltando-se a ideia fixa original que tinha em obter uma concessão radiofônica.

Ele viajava constantemente não somente para o interior do Estado, mas para outras capitais e se interessava pelo universo midiático, buscando atualizar-se não somente para manter os trabalhos direcionados ao jornalismo ou à música, mas também área do humor. Esse contato com sujeitos diversos de outras regiões também o



influenciaram, bem como a caricaturização dos costumes locais dessas outras regiões em que trabalhou.

Conforme a sua filha apontou, o radialista buscou novas oportunidades de trabalho em outras localidades:

Na pratica também, uma hora ele tava na Educadora, outra hora tava na Difusora, daí trocava pra Educadora, até que chegou um tempo que as duas rádios fizeram um acordo de nenhuma delas contratar mais ele, daí ele não esperava isso, rs,rs daí ele foi trabalhar fora, trabalhou na rádio Integração em Toledo, Santa Helena até o dia que aceitaram ele em Rondon de novo.<sup>75</sup>

Em decorrência dessa itinerância, o que podemos perceber é um multiculturalismo, de suas vivências, experiências, influências diversas, de locais próximos e distantes de Marechal Cândido Rondon. Independente de suas intencionalidades o que é possível perceber, é um processo de ressignificação no personagem.

No que tange ao relacionamento com os ouvintes e com o processo de recepção dos programas, podemos apontar algumas questões a partir do acervo de cartas deixadas pelo radialista. Esse acervo compreende um total de 320 cartas de ouvintes, procedentes de cidades do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso. A maioria foi escrita e enviada na década de 1980, outras foram guardadas sem qualquer menção da data. Ele as organizou por blocos, mas as cartas são de diversas regiões próximas a essas cidades localizadas no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e região oeste do Paraná. Podem ser apenas uma parte do que conseguiu guardar durante sua trajetória profissional.

A carta transcrita<sup>76</sup> a seguir aponta com clareza que os pedidos musicais não se concentravam em músicas de origem alemã, mas faziam parte do universo cultural heterogêneo dessa região.

Para o programa da rádio de Concordia – Sub Sed Santa Helena PR 18/03/1982

Venho através desta oferecer tudo o programa de oje aos meus queridos Pais Batita e Antonia Sangaletti pela pasage

<sup>75</sup> Entrevista de Graciela Kehl (filha do radialista), realizada em 2014 em Marechal Cândido Rondon por Rosana Déa Marques Gonsalves.

<sup>76</sup> Carta de ouvinte enviada ao Alemão Louco(1982); A transcrição buscou a fidelidade do documento em seu formato original e manuscrita pelo ouvinte, com seus erros linguísticos, gramaticais e de aproveitamento espacial das linhas destinadas para escrita.

dos 51 anos de casado neste dia 19 de abril  
 Residente em Linha Mimosa  
 e a todos os meos irmãos e qunhados  
 e as Joanazi aos Palhellas aos Capelbu e aos Pescaro que  
 esta afetado dastas famílias e so que tem e a vivo que eo  
 vou prala logo  
 podem toma tudo a pinga e deiche o vinho e a serveja pra  
 mim  
 Alemão loco fasa bastante brincadeira em taliano que a  
 turma de la gosta muito  
 Antonio Benito Sangaletti oubrigado  
 Se e posive para o dia 12 e o dia 19 de 04  
 Porque dia 19 eo vou estar  
 Vou de ouvir la ta  
 Obrigado por tudo e que Deus te ilumine sempre  
 Desculpe pelas letras

Nota-se que a prioridade do pedido do ouvinte se concentra no pedido de seu recado e não propriamente no tipo de música. O ouvinte solicita que o radialista faça brincadeiras em linguagem italiana, que é o que satisfará o desejo dos ouvintes que está enviando o recado.

Em seus conteúdos são explicitados esse contato do ouvinte e sua identificação com o personagem que é tratado com reverência e seus programas elogiadíssimos por esses ouvintes que estão solicitando em sua maioria recados para outros ouvintes. A maioria desses recados são felicitações por nascimentos, comemorações de bodas em casamentos, convites, felicitações de aniversário e recados pessoais de assuntos diversos.

Nesta próxima carta de ouvinte é possível perceber a linguagem diferenciada e popular conforme já mencionado anteriormente:

Linha Guará M.C.R. P.R.  
 dia 11/02/86  
 venho particibar do procrama que o senhor fais no Sinop Mato Grosso quero fazer uma omenagen para o tio Emilio e primas e primos da Fazenda Sembre verte e tio Edmundo e tio Venilto Cassel e primas e primo.  
 Ofereço todo o programa para eles com muita sautates.  
 Assina: Marlise e Darci e filho Laércio Obermeier<sup>77</sup>

<sup>77</sup> Carta de ouvinte da Rádio Celeste em Sinop-Mato Grosso onde era veiculado o programa do Alemão

Nota-se que o oferecimento é novamente de todo o programa, a música é secundarizada em termos de prioridade neste momento para o ouvinte. A sua preocupação consiste no recado aos familiares, teor de diversas cartas. Outro detalhe é sobre a execução do programa do Alemão Louco veiculado em Sinop no Mato Grosso. Os programas que ele tinha autonomia para gravar e vender a outras emissoras expandia ainda mais a sua popularidade.

Nesta outra carta encontramos pedidos diversos: música, felicitações para um aniversário e até um instrumento musical. A impressão que fica é que há uma proximidade familiar entre ouvintes e radialista:<sup>78</sup>

Linha Arara 22.07.1986

Prezado Alemão da Radio Educadora programa musica e alegria eu quero um violão. Eu quero homenagear o meu sobrinho Sergio de Oliveira pelo seu aniversario que foi no dia 16 de julho ompletou 5 aninho a ele muitas felicidades e muitos anos de vida eles resitem em Alta Floresta no Mato Grosso. Eu quero ouvir a musica Os Atuais de Segunda a Domingo.

Quem Assina Ilaini Itorch

As perguntas sobre a vida pessoal do radialista e solicitação de música regional aparecem na carta a seguir:<sup>79</sup> O pedido musical se refere a uma música regional e a localidade do ouvinte, Canastra Alta, faz parte da serra gaúcha.

Canastra Alta 30/03/86

Programa Sabado Alegre

Prezado amigo alemão, gosto muito do seu programa. Mas estou muito curiosa, quero saber seu nome completo e sua idade. Tambem quero pedir algumas homenagens.

Para meus primos Pedro e Vera Land

Para minha madrinha Marlene Manica

E ainda meus primos, Cleusa e Cleomar Dreher resitente em Amoreira.

Com a musica dos Xirus Vaquinha preta.

Se for atendida meu muito obrigado

Ass. Marcia Rosane Voltschak

Embora o programa do Alemão Louco fosse um programa musical com uma

---

Louco, década de 1980.

<sup>78</sup> Carta de ouvinte enviada a Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon-1986

<sup>79</sup> Idem

locução humorística, sua característica enquanto programa não se definia como prestadora de serviço, mas o radialista usava o seu espaço e transmitia também esses recados. Isso estabelecia claramente vínculos com os ouvintes que escreviam ou que faziam solicitações. Outro detalhe nos contextos dessas cartas é que a maioria dos ouvintes oferece aos seus conhecidos ou amigos, ou parentes, o programa inteiro do Alemão Louco, prevalecendo as solicitações dos recados em detrimento às solicitações musicais, como a seguir:

Marechal Cândido Rondon, 28/08/86

Presado locutor Alemão Louco.

Rádio de Sinop.

Escrevo para homenagear meu mano Antonio Ventura sua esposa Ledir e aos sobrinhos Jorge Alfrani e Alvaro. Desejando a eles felicidades. Avisando que aqui estamos todos bem. E esperamos noticias de vocês aí. Antonio Ventura dos Santos reside em Sinop Mato Grosso. Ofereço a música com o Trio Parada Dura: “Porque você não passa lá”

Um abraço da mana Helena e cunhado Edeimar dos Santos Herter.

Mando meu endereço se vocês quiserem me escrever.

Rua Colombo nº 1179.

Mal.Cdo.Rondon P.R.

Cep. 85960.

Alemão obrigada se nos atender. É uma oportunidade de me comunicar com meu irmão Antonio que a muito tempo não tenho notícias.<sup>80</sup>

É interessante perceber que os gêneros musicais solicitados por esses ouvintes nessas cartas são muito variados: canções sertanejas, guarânias, músicas populares brasileiras em geral, músicas de origem gaúcha que se mesclam em sonoridades latinas agregando instrumentos como a gaita e ritmos diversos, apontando a diversidade cultural dos seus ouvintes.

A análise do perfil desses ouvintes possibilita perceber que de um modo geral, eram de pessoas simples, com pouca escolaridade, dada a margem de erros linguísticos encontrados nessas escritas e seus contextos. Os recados via rádio, ainda utilizados na década de 1980 indicam que o sistema de telefonia ainda não abrangia muitas dessas regiões mais afastadas dos centros ou cidades polos regionais, e que o meio de se comunicarem com alguns parentes e amigos ainda era efetivado também por meio dessas cartas.

---

<sup>80</sup> Carta de ouvinte enviada a Rádio de Sinop-1986.

Embora a maioria dessas cartas expressem pedidos populares, há no conjunto cartas de amigos solicitando convites para estreias musicais ou a menção de novos programas de rádio noutras emissoras, eventos gerais e concertos musicais que eram solicitados por profissionais da área radiofônica ou musical e suas escritas seguem os padrões da língua portuguesa correta por serem escritas por pessoas letradas.

A carta a seguir aponta o agradecimento de um amigo profissional maestro de Santa Catarina:

Concórdia, SC 20 de junho de 1987.

Mui amigo Alemom Louco!!!

- Infelizmente quase não consigo escutar seu programa, pois estamos sempre em algum lugar fora de Concórdia (Conj. Luar de Prata) abrilhantando bailes e matinês.

- Mas um vizinho ouviu a homenagem que fizeste pra mim em um dos teus últimos programas.

Alemão...Muito Tanke-Schoen (?).

- Bem, em breve, abro aqui em Concórdia uma Escola de música – Ary Barroso- são muitas as pessoas que me procuram. Nesta escola vou lecionar teoria e solfejo; instrumentos de sopro e para crianças: flauta doce e violino.

- Agradeço mais uma vez quando te lembras de mim em teus programas, poderias me tocar o klarinettenmuchel?!?!

Abraços Prof. Fernando G.Roos (Maestro)<sup>81</sup>

Nesse sentido, é possível perceber a popularidade dos programas do Alemão, onde profissionais da mesma área dispõe essa responsabilidade ao radialista, certos do alcance dessas mensagens/recados. E que por outro lado, os ouvintes dos seus programas eram pessoas de diversas camadas da sociedade.

Outro fator interessante é a preocupação que esses ouvintes têm em relação à sua escrita. Embora não dominem o padrão culto da língua, se desculpam costumeiramente por terem uma letra ilegível em suas cartas e se referem aos programas do Alemão Louco com o próprio slogan do programa: “o mais extraordinário e esculhambado programa!”; “o maravilhoso locutor”; “o locutor mais lindo” entre outros adjetivos que posicionam o radialista numa situação de privilégio e sucesso do personagem. Conforme as cartas que seguem:

Presado alemão quero escrever novamente para este programa mais esculhambado do Brasil, quer dizer no mundo. Eu quero pedir uma música com o cantor João Viola o nome da música é O Teu Olhar, eu

<sup>81</sup> Carta de ouvinte maestro de Concórdia, Santa Catarina-1987

quero dizer que o programa do alemão louco começou em fevereiro e agora eu quero pedir novamente uma foto sua e também o seu nome. Ainda quero lhe escrever uns versos. Escrevi essa carta em cima da vassoura desculpe pela letra porque não sou professora.

Guardei o teu retratinho, não te esqueci de foto, mas antes ter-te comigo e não lembrar do retrato.

Nair Ethetoer<sup>82</sup>

Linha Castro Filho é a primeira vez que participo do seu maravilhoso Programa Música e Alegria para oferecer aos meus queridos pais o Romaldo e a Ilona Drunseiter e principalmente para a minha querida irmã Marli que estará de aniversário no dia 26 de setembro a ela milhares de felicidades de toda a sua família e que essa data se repita por muitos e muitos anos.

Música Monte Carlo – Revolução

Ass: Marlei Drumseiter<sup>83</sup>

Algumas cartas mostravam itinerários de audição mais distanciados. Há uma carta enviada de Santa Helena, cidade próxima a Marechal Cândido Rondon, à Rádio Concórdia (atual Rádio Rural) de Santa Catarina, onde o programa do Alemão era veiculado na programação desta emissora a partir de gravações<sup>84</sup>.

Outra característica destas cartas de ouvintes ao radialista é no que diz respeito à forma que finalizam a redação que terminam com versos ou quadrinhas. A seguir outra carta que também apresenta uma variação musical em seu pedido:

Localidade de Linha Floresta Município de Ipira – Estado de Santa Catarina

Oi Alemão

Peço a musica você não soupe me amar com os Plis. Ofereço pra uma pessoa que não soupe me amar quem oferece é uma jovem que o ama muito.

Assina a jovem S.S.S

Versinho

Boco, baco, bacurau – de noite no chão -de dia no pau.<sup>85</sup>

Os erros na língua portuguesa, comuns na troca da letra p pela letra b são

<sup>82</sup> Carta de ouvinte da cidade de Concórdia, Santa Catarina, 1987.

<sup>83</sup> Carta de ouvinte de Castro Filho, Santa Catarina direcionada para a Radio Rural em Concórdia-1986

<sup>84</sup> Ele fazia as reproduções de seus programas em fita cassete que acabaram sendo veiculados não apenas no Paraná, mas em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

<sup>85</sup> Carta de ouvinte de Ipira, Santa Catarina, 1987.

observadas também em diversas cartas, como outros erros comuns de pessoas semi-letradas.

O pedido musical é da banda de nome Blitz e a música é “Você não soube me amar”, canção de grande sucesso na década de 1980, apontando novamente a diversidade musical destes programas.

De um modo geral, as cartas tem um teor de interatividade entre o radialista e os ouvintes. Ao analisar os seus conteúdos é possível perceber como o radialista era um porta-voz desses ouvintes e a importância portanto, conferida ao papel de prestação de serviços dos seus programas que iam além de apresentações musicais ou piadas.

### Capítulo 3 Para outras fronteiras

As experiências profissionais do radialista Ilário Kehl continuaram após a sua permanência na suplência política como vereador. Embora ele não tenha se empenhado em novas campanhas com objetivos diretos de eleger-se, as pessoas do meio político continuaram no seu entorno de relações profissionais.

O envolvimento de Kehl com os meios de comunicação para além da fronteira brasileira, indo para o Paraguai se relaciona ao modo como que as concessões de novas rádios no Brasil têm sido fiscalizadas, embora muitas rádios comunitárias tenham surgido nos últimos anos, inclusive na clandestinidade, o fato é que é bem difícil obter-se uma concessão.

Em relação a essa dificuldade, o atual diretor da Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon explicou na entrevista concedida para esta pesquisa<sup>86</sup>:

O que é uma concessão?...é uma empresa de iniciativa privada, mas que tem uma concessão do governo, é um processo muito difícil que demora anos, que hoje está custando caro porque o governo parece fazer uma espécie de leilão dessas concessões e antigamente isso não existia tanta cobrança, existe cada canal, cada potência, existe um preço que é pago pra essa concessão, sem contar todo processo de você chegar efetivamente até a concessão. Pra você montar a emissora de rádio, o ministério das telecomunicações tem que aprovar o local, o modelo do equipamento, o transmissor que você vai usar, a altura da antena que vai ser, você vai ter que seguir todas as regras, tudo aquilo que for colocado no projeto pelos técnicos e pelo engenheiro, depois pra você mudar também depende de autorização.

E talvez, sob o mesmo modelo problemático colocado para concessões com intervenção política clara, já que a concessão da Rádio Difusora do Paraná, num período ditatorial dependeu de um sócio general, é possível que essa dificuldade se desmembre do oficial ao particular, onde os laços políticos são intervencionais e pessoais, ou ainda se aliem a interesses políticos implícitos de grupos seletos.

O que sabemos a respeito deste fato, é que o Alemão Louco queria e tinha um sonho em ter a sua torre transmissora em Marechal Cândido Rondon, mas não tinha capital para realizar tal feito. Esse sonho que queria transformar em realidade não se concretizou, ficou somente na vontade – como tantas vezes Kehl mencionou a mim, em

---

<sup>86</sup> Entrevista realizada na Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon com o atual diretor, o Sr. Paulo Nogueira em 2014.



diversos encontros que tive com ele pessoalmente antes de seu assassinato.

Outro fator relevante é em relação à quantidade de brasileiros em algumas cidades do Paraguai em função dos processos migratórios. As condições e preços na aquisição de terras no Paraguai destinadas às culturas coloniais compradas e concedidas pelo Paraguai a muitos brasileiros durante as décadas de 1970 e 1980, levaram muitas famílias de Marechal Cândido Rondon ao Paraguai.

No entanto, o contato com o Brasil não era feito através do sistema de telefonia dificultado por ser região fronteiriça, mas por meio das emissoras de rádio.

As emissoras de rádio, não apenas no Paraná, mas nas demais regiões do país cresceram em número e em direção ao interior do país durante as décadas de 1980 e 1990.

A pesquisa que relaciona política e rádio na cidade de Londrina de Osmani Ferreira da Costa<sup>87</sup> indica que esse crescimento do número de emissoras em direção ao interior do país ocorreu acompanhando o processo e estruturação de novos municípios em direção ao interior, cuja proposta era a ocupação e desenvolvimento dessas regiões.

Os avanços nas tecnologias também baratearam o custo do aparelho de uso doméstico, permitindo maior acesso por parte da população. E embora algumas pesquisas definam o período como um momento de apatia do rádio, onde a priorização se fixou nas novas formas de tecnologia, como a televisão. A difusão do sinal das emissoras de rádio possibilitavam as coberturas de todo o território nacional, alcançando as regiões mais distantes no país.

Esse aumento de concessões, no entanto, foi segmentado por grupos políticos que vislumbrando seus interesses com uma ferramenta poderosa em termos de difusão de informações não cessaram em se associar ou participar em cotas como sócios nas diversas rádios do país.

As concessões de rádio no país sofreram alterações nessas últimas décadas. Para além do acúmulo de informações documentadas, o processo para tais concessões sempre esteve atrelado à margem federal. As concessões passavam por diversos trâmites documentais e eram sancionados decretos por meio da União diretamente pelo poder executivo do país.

---

<sup>87</sup> COSTA, Osmani Ferreira da. Rádio e política: a aventura eleitoral dos radialistas no século XX. Londrina: EDUEL, 2005.

Em 1988, a Constituição altera o caminho da assinatura dessas concessões, a responsabilidade final, ou seja, a assinatura da outorga passa a ser do poder legislativo.

Em 1995, foi aprovada a Emenda Constitucional n.º 8, que alterou o inciso XI e a alínea “a” do artigo 21 da Constituição Federal, passando a declarar expressamente que os serviços de telecomunicações poderiam ser explorados por intermédio de concessão, permissão ou autorização. É importante lembrar que o dispositivo constitucional anterior restringia a exploração dos serviços públicos de telecomunicações à empresa sob o controle acionário estatal.

Conforme apontou a especialista em direito internacional, Regina Ribeiro do Vale<sup>88</sup>, a Emenda Constitucional n.º 8 veio modificar o cenário da prestação de serviços de telecomunicações no Brasil, permitindo a abertura do setor para a iniciativa privada e capital estrangeiro, exigindo, para tal propósito, a criação de um marco regulatório e de uma agência reguladora e também deixou clara a diferença entre os serviços de telecomunicações e os serviços de radiodifusão, pois, os dois tipos de serviços passaram a ser regulados em leis diversas, mantendo-se para a radiodifusão as regras do Código Brasileiro de Telecomunicações.

A Lei Geral de Telecomunicações (“LGT”) editada em 1997 reestruturou o ambiente regulatório do setor, além de estabelecer as regras para a privatização do sistema Telebrás e abertura das telecomunicações brasileiras para a competição.

A LGT criou a Agência Nacional de Telecomunicações (“Anatel”), transferindo a ela as competências anteriormente atribuídas ao Ministério das Comunicações, exceto às referentes à disciplina e fiscalização dos serviços de radiodifusão.

É importante salientar que mesmo com as alterações gerais na regulamentação das concessões na área de telecomunicação, a radiodifusão continuou atrelada ao poder executivo Federal seguida pela avaliação do Congresso Nacional.

Não há clareza do número de concessões ofertadas até o mandato do presidente Figueiredo. Sabe-se apenas que as concessões aumentaram no último ano de sua gestão no país.

---

<sup>88</sup>Serviços de Comunicação Eletrônica de Massa no Direito Brasileiro. Disponível em:<<http://www.teleco.com.br/emdebate/regina01.asp>> Acesso em 12 de jan de 2015;

O decreto anterior nunca permitiu que um político fosse nomeado e ao mesmo tempo mantivesse sob sua responsabilidade nominativa a outorga de concessão. No entanto, filhos e parentes de deputados estaduais, federais e senadores compõe essa margem de concessões do país. Não há lei que não permita um parente de político a ter o direito da outorga.

A possibilidade de verificação dos números totais de concessões no país é dificultada pelo próprio sistema regulamentador. A ANATEL<sup>89</sup> informa que os dados são públicos e mantém um site informativo. No entanto, tais consultas demandam o número do processo de solicitação da referida concessão dificultando assim o acesso aos dados para a pesquisa. E portanto, a pesquisa só pode ser efetivada pelo interessado pela outorga, cujo número de processo está em seu poder.

De qualquer forma mesmo se obtivessem esses dados atualizados, foi constatado que muitas emissoras são dirigidas por parlamentares de maneira indireta, onde possíveis “laranjas” se responsabilizam pelas assinaturas contratuais e pelas direções dessas emissoras de rádios.

Um exemplo de tal situação, é o caso das emissoras de Marechal Cândido Rondon. Nas direções de ambas as emissoras os diretores não mantêm cargos políticos. No entanto, a rádio Difusora do Paraná possui como sócio colaborador, o deputado Dilceu Sperafico e a Rádio Educadora do Paraná tem como sócio majoritário e fundador da emissora o deputado Werner Wanderer.

Em entrevista concedida para esta pesquisa como o diretor da Rádio Educadora do Paraná, questionado sobre os envolvimento da emissora com o universo político, o mesmo informa a lisura da rádio e suas preocupações constantes principalmente no que diz respeito aos períodos eleitorais e as multas da justiça eleitoral relativas a possíveis envolvimento com campanhas, vejamos:

E a preocupação maior com as questões políticas, é no período eleitoral, que nós temos o horário de propaganda eleitoral, e aí nesse período nós deixamos a política para o horário político, nós divulgamos todos os candidatos sim, fazemos a cobertura sim, mas de uma maneira bem imparcial. O Werner faz os trabalhos políticos dele, vai subir no palanque na eleição esse ano em Marechal Rondon como na eleição passada, vai, mas a rádio aqui dele vai se resumir a

---

<sup>89</sup> Agência nacional de Telecomunicações . Disponível em <http://sistemas.anatel.gov.br/srd/> Acesso em 10 de Jan de 2015.

dar cobertura a tudo aquilo que a lei prevê e o resto fica para o horário eleitoral gratuito, porque a legislação eleitoral é muito rigorosa.<sup>90</sup>

Embora o discurso do diretor da emissora seja de não interferência direta ao processo eleitoral, na continuidade da entrevista ele deixa transparecer o seu envolvimento indireto, conforme relatou na mesma entrevista:

Eu já saí da rádio Educadora, numa ocasião, em 1989 e fui morar em Palotina, eu fiquei 11 meses em Palotina, trabalhando na prefeitura de Palotina e depois eu lembro que foi campanha política do Werner que eu fiz, que eu ajudei a coordenar pra deputado federal na época, eu não trabalhava mais na Educadora, eu não trabalhava mais pra ele, mas um dos contatos que ele tinha em Palotina era o Paulo Nogueira, era um deles e foi assim durante toda campanha eleitoral e foi exatamente naquela eleição que o Werner foi o candidato mais votado na época em Palotina, foi a eleição que ele obteve mais votos em Palotina, não porque eu estava lá, pra minha sorte, parece que atrai.<sup>91</sup>

Fica evidenciado o já exposto anteriormente, o diretor da emissora quando trabalhou como “cabo eleitoral” não exercia a função naquele momento de diretor da emissora, mas os laços de amizade com o candidato continuaram, ou seja, a rede de relações e interesses continuaram no mesmo sentido.

Nas décadas que antecederam a regulamentação que ocorreu em 1995, a obtenção das concessões esteve atrelada aos grupos econômicos e políticos que sustentavam o Estado. Grupos religiosos e de empresários mantêm até hoje alguns oligopólios.

A pesquisa de Osmani Ferreira da Costa,<sup>92</sup> aponta ainda o envolvimento direto das famílias poderosas de políticos detentoras de concessões, com as de Fernando Collor de Mello e José Sarney (ex-presidentes da República) e Antonio Carlos Magalhães (PFL) e Jader Barbalho (PMDB), ex-senadores que renunciaram em 2001 devido a escândalos políticos-econômicos. Ressalta-se que Magalhães fora ministro das Comunicações no governo José Sarney (PMDB).

O processo de democratização do país não alterou esse cenário, pois as concessões continuam sendo difíceis aos grupos que não estejam ligados de alguma forma ao poder federal. Para além da documentação, aprovação e viabilidade técnica e

<sup>90</sup> Entrevista realizada com diretor da Rádio Educadora do Paraná, o Sr. Paulo Nogueira, para esta pesquisa em 2014;

<sup>91</sup> Idem.

<sup>92</sup> COSTA, Osmani Ferreira da. Rádio e política: a aventura eleitoral dos radialistas no século XX. Londrina: EDUEL, 2005

econômica, o sucesso para obtenção de uma concessão de uma emissora depende ainda de um forte lobby político em Brasília.

A aprovação que tramita posteriormente junto ao Congresso Nacional, necessita desse trâmite para aprovação. Assim, é necessário cobrir os custos do lobista para a conquista da concessão.

Nesse sentido, é possível perceber que cidadãos comuns, sindicatos e afins tenham dificuldades na conquista da concessão de uma emissora. E que a maioria das emissoras, estejam estreitadas em seus relacionamentos junto ao Estado.

Em Marechal Cândido Rondon, as duas emissoras privadas comerciais estão relacionadas á famílias com estreitos laços políticos. Em suas trajetórias desde as suas fundações iniciais foram grupos políticos que obtiveram as concessões conforme já apontado anteriormente.

Atualmente, nas duas emissoras da cidade de Marechal Cândido Rondon é possível entender essa relação do mundo das emissoras radiofônicas com o universo político. Ambas tem em seus associados majoritários políticos da região, ambos deputados federais, Dilceu Sperafico e Werner Wanderer.

Dada as condições para a concessão de uma outorga de emissora de rádio, é possível entender como cidadãos comuns têm dificuldade para a obtenção da mesma.

Nesse sentido, é possível compreender porque Ilário Kehl, embora fosse campeão de audiência e de uma vontade imensa em obter uma concessão nunca solicitou a mesma diretamente, pois não tinha poder financeiro nem laços diretos com tais famílias envolvidas no processo de concessões locais.

Dada a margem de viabilidade técnica permitir apenas duas emissoras locais conforme informações do atual diretor da Rádio Educadora do Paraná. Busquei informações que definissem o plano de viabilidade técnica, parecer que é emitido pela ANATEL.

A viabilidade técnica é verificada pelo órgão que emite o parecer e está diretamente ligado ao Estado, ou seja, mais um artifício que pode viabilizar ou não uma nova concessão.

Não há nenhum dispositivo aparente e que deixe com clareza como é efetivado a margem técnica. O site disponível da ANATEL não faz nenhuma referência desse

processo que viabilize uma nova concessão, como número de emissoras num raio de km possíveis e viáveis em não entrecruzamento de frequências por exemplo, ou ainda qualquer nível classificatório para essa seleção.

E por tantos entrepostos para abertura de uma emissora, mas com uma vontade incessante em obter uma concessão, o radialista Ilário Kehl atravessa a fronteira geográfica brasileira e inaugura duas emissoras de rádio no Paraguai.

É importante salientar que a região fronteira possui suas particularidades e o processo de concessão dessas duas emissoras no Paraguai são regidas por outra forma de regulamentação.

O órgão regulamentador chamado de CONATEL, não possui as mesmas prerrogativas sobre concessões como no Brasil. No Paraguai há uma infinidade de emissoras e retransmissoras de sinal e o controle de fiscalização das emissoras nessa região fronteira não dispõe de fiscalização efetiva que possibilite um mapeamento do total de emissoras localizadas nessa região.

Para análise da constituição dessas duas emissoras de rádio no Paraguai, é necessário pensar a definição de fronteira e as especificidades espaciais que norteiam a região e a tornam diversa desde a sua constituição.

Para este conceito utilizamos a definição sociológica de José de Souza Martins<sup>93</sup>, onde a fronteira é vista não apenas diante dos seus aspectos internos de formação, mas avaliado sob a mira de região que integra em sua constituição conflitos, relações sócio-culturais e que se estruturam norteadas por forças correlatas de poder.

A fronteira tem um caráter litúrgico e sacrificial, porque nela o outro é degradado para, desse modo, viabilizar a existência de quem o domina, subjuga e explora. [...] é na fronteira que encontramos o humano no seu limite histórico.

A construção de um discurso dominante, sustentado tanto pelo senso comum como pela academia acaba por privilegiar os aspectos internos dando maior atenção a figura do desbravador, do “pioneiro” que avança em direção e conquista de um território desprovido de populações civilizadas.

---

<sup>93</sup> Martins, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: HUCITEC, 1997. p.13

Em relação a produtividade historiográfica regional, há a sustentação de um discurso predominante que acaba dualizando os povos da cidade em análise, Marechal Cândido Rondon e que aponta os conflitos étnicos como marcos definidores de um conflito que em sua estrutura é social e não racial conforme apontou o artigo de Emílio Gonzalez.<sup>94</sup>

Assim, não se sustenta a concepção de que a memória escolhida para narrar esse campo de memória tenha sido pautada em critérios de seleção “étnica”: ela foi antes de tudo pautada em posições sociais. A meu ver, qualquer leitura histórico que constitui essa cidade que ignore esse caráter classista - e não racial – utilizado pelos formuladores dessa memória oficial corre o risco de perder-se em falsas discussões etno-raciais. O perigo da adoção de noções generalizantes e universais sobre etnia, na qual perdem-se ou descartam-se diferenças irreconciliáveis entre sujeitos e classe sociais no interior desse grupo étnico, conforme observou René Gertz, parece ter sido outra das várias implicações ignoradas por muitos pesquisadores locais. Não faz sentido generalizar os “alemães”, os “italianos”, os “lusobrasileiros” em uma cidade povoada por ricos e pobres, trabalhadores e empresários, patrões e empregados.

Assim, como apontou Martins sobre os estudos que acompanham as fronteiras é necessário pensa-la em seus aspectos que envolvem um espaço de multiplicidades dinâmicas, de movimentos e conflitos, de interesses diversos e de grupos sociais étnicos também diversos. A constituição de fronteira é consequência da expansão do capital e é um espaço onde co-existem tempos históricos diferentes (agricultura de subsistência e agricultura voltada a exportação).<sup>95</sup>

Nesse sentido, pensar as relações neste espaço específico da fronteira, nos remete a outras particularidades que adensam esse processo de conflitos por ter agricultura familiar, agricultura voltada á exportação, populações indígenas, comércios locais, comércio internacional (Ciudad del Este no Paraguai), enfim, em termos populacionais há uma intensificação de povos diversos e migrações intensas nesta região.

Compreender o espaço de fronteira nos remete a refletir o universo complexo de que se trata tal espaço para além da constituição da linha geográfica e física estabelecida como marco separatista entre o Brasil e o Paraguai.

<sup>94</sup>Gonzalez Emilio. “As Camadas da memória: a produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950-1990)”In: Revista Tempos Historicos. V.5/6, 2003/2004. Cascavel-PR: Edunioeste, 2004. p.198.

<sup>95</sup> Martins, José de Souza. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: HUCITEC, 1997.

É necessário também ter como ponto de partida a compreensão de que as cidades de faixa de fronteira se formaram de acordo com a sua ocupação no tempo, a maioria delas como polos agrícolas, com exceção a Foz do Iguaçu que é bem específica e constitui-se por uma cidade de múltiplas e complexas relações econômicas e sociais.

Conforme apontamos anteriormente, a intensificação do processo de ocupação dessa região ocorreu incentivada pelo Estado mais especificamente no período Vargas, quando aumenta a preocupação do Estado na ocupação dessas regiões. No entanto, anterior a esse movimento, é notável a presença de outras populações que viviam nessa região, além dos grupos indígenas, outros migrantes de diversas regiões do país ali já se estabeleciam.

Os processos migratórios acentuam-se os a partir das décadas de 1950 e 1960, com a proposta do Estado em ocupar e desenvolver a região e assim coibir a invasão de estrangeiros. Nesse período, o Estado colaborou com a vinda de migrantes advindos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, supondo de que por se tratar de descendentes diretos de europeus, se estabeleceriam uma ordem civilizatória na região.

Dentro desse contexto, essa população específica ganhou privilégios com o discurso de que se trataria de uma população homogênea e se estruturou uma construção de uma memória local que privilegiava esses povos em detrimento das demais populações que já existiam neste espaço ou advinham de outros processos migratórios internos do país.

O trabalho de Laverdi<sup>96</sup> apontou as migrações diversas em tempos diferenciados para esta região. A sua análise aponta as deficiências quanto a historização oficializada amparada pela historiografia regional em relação às populações não germânicas ou até germânicas, mas pobres nesta região, advindas de outras classes sociais, mas que fazem parte deste contexto sócio- espacial. A sua pesquisa que se compõe de uma série de entrevistas de outros sujeitos que compreendem essa região apontando outros movimentos migratórios, que trazem à luz a heterogeneidade social e cultural da região:

Durante os anos da ditadura, e depois desses, muitos agricultores e outros trabalhadores não proprietários migraram para o Paraguai e para alguns estados da região Norte do país. “Estimulados”, uma vez mais,

---

<sup>96</sup> LAVERDI, Robson. Tempos diversos, vidas entrelaçadas; trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.p.59.



pelas promessas ainda mais perversas de ocupação da nova fronteira na Amazônia.(...)

Nessa perspectiva, a pesquisa de Silva<sup>97</sup> que trabalha os modos de vida distintos na região, também aponta o fluxo de migrações pós década de 1960 apontando que a partir da década de 1970 as constantes transformações na agricultura, a nova política de disponibilidade de terras acabou dispersando as populações originárias do primeiro fluxo migratório. Além disso, a formação da Hidroelétrica de Itaipú que remanejou e redistribuiu de maneira desordenada tais populações durante a década de 1980, motivou a dispersão dessas populações, que foram ou para polos urbanos ou seguiram em “novas terras” no Paraguai:

O movimento também foi incentivado pelo governo, dessa vez o paraguaio, para receber a migração brasileira com o intuito de ocupar e desenvolver a fronteira Leste do país, até então pouco ocupada, nos termos que interessava ao governo.

Os fluxos inversos nas décadas seguintes também ocorreram de acordo com as novas políticas que foram alterando o cenário agrícola.

Nesse sentido, a faixa fronteira se compõe por uma multiplicidade de relações e interesses específicos contando ainda com processos migratórios intensos, cenário que colaborou para heterogeneidade cultural dessa região.

É diante dessa breve contextualização, de processos migratórios intensos na fronteira que se insere o objeto de nossa pesquisa.

O trânsito constante do radialista na região colaborou com a montagem da primeira emissora no Paraguai.

De acordo com a documentação do radialista, a Rádio Puerto Feliz, situada em Puerto Adela, Paraguai, obteve apoio das populações locais. Consta um manifesto de 2004, redigido em formato de abaixo assinado, com diversas assinaturas tanto de brasileiros como de paraguaios para a regulamentação da emissora que iniciou seu funcionamento em caráter experimental.

Além desse documento em relação a emissora de Puerto Feliz, há uma carta de apoio a entidades, do CONATEL (órgão regulador em telecomunicações no Paraguai), registrada com carimbo de entidade educativa e cultural também datada de 2004 e assinada por um professor. E ainda constam sobre o estabelecimento dessa

---

<sup>97</sup> SILVA, Danusa de Lourdes.p.15

emissora em Puerto Adela, mais dois documentos: um que é o registro de apoio oficial emitido pelas forças armadas do Paraguai e outra de cunho executivo, do intendente municipal.

A família do radialista questionada sobre esses documentos da referida emissora em Puerto Adela informou que não tinham conhecimento sobre essa documentação, que o radialista já havia trabalhado noutras emissoras na fronteira do lado paraguaio e conforme os comentários do radialista em vida, as emissoras no Paraguai não eram intensamente fiscalizadas e que haviam diversas emissoras das quais o radialista já havia sido sócio, mas sem documentação.

O fato é que sua itinerância, desde o início de sua trajetória auxiliou-o neste processo, como trabalhava em diversas emissoras, em 2004 o personagem Alemão Louco já era difundido em toda a região e o radialista Ilário Kelh já tinha mais de 40 anos de profissão, sendo conhecido no extremo oeste do Paraná e no Paraguai. A documentação o resguardou de possíveis conflitos entre brasileiros e paraguaios em 2004.

Outro fato relevante a se mencionar é em relação ao documento de registro de migrante emitido pelo Paraguai em 1997 que possibilitava uma certa liberdade de trânsito entre os dois países ao radialista, e que nos possibilita entender que muito antes da formação da emissora Puerto Feliz em 2004, Ilário já fazia a itinerância nessa região.

Em virtude desses documentos em apoio e permanência da emissora, nos permitem perceber a importância de se ter uma emissora local e prestadora de serviço aliada á comunidade. Embora como já citado anteriormente, o programa do Alemão Louco fosse de cunho humorístico e musical, nele sempre teve contido quadros de prestação de serviço.

A popularidade estratégica do personagem, e sua identificação com a região permitiu esse acesso constante em terras paraguaias, apontando que os limites da fronteira político geográfica eram irrelevantes, como para tantos outros brasileiros ou paraguaios que fazem o percurso de travessias constantes para chegarem até o seu local de trabalho.

Outra emissora que Ilário Kehl foi sócio majoritário, foi a Rádio Marangatu FM. que funcionava com outro nome desde 2001 e localizava-se anteriormente em outra localidade de Nueva Esperanza no Paraguai.

Em 2003, as instalações foram transferidas para Puerto Marangatu,(distrito de Nueva Esperanza), separada pelo Lago de Itaipú de frente para cidade brasileira de Pato Bragado.

De acordo com a Revista Região<sup>98</sup>, a Marangatu FM trocou a sede de localidade para facilitar o acesso dos profissionais que seguiam semanalmente tanto de Marechal Cândido Rondon, como de Entre Rios do Oeste para gravar a programação, que contava com audiência em ambos os países tanto no Paraguai, como no Brasil.

A travessia era feita por meio de barco e além de Ilário Kehl á frente da emissora, outros dois sócios compartilhavam dos mesmos anseios. Dentre os sócios, estão Neri Simoneti e Dario Garceti (um brasileiro e um paraguaio). Dentre os radialistas que integraram a emissora além de Ilário Kehl, Delmar Fincke (vice-prefeito de Pato Bragado), Nene Canabarro( Secretário de Finanças de Pato Bragado) e os comunicadores Emerson Santana e Volnei Luis Zamboni.

É relevante mencionar novamente o envolvimento político junto ás emissoras de rádio, direta ou indiretamente como neste caso, o próprio vice-prefeito era radialista, embora o nome dele não conste na documentação como sócio, ao menos detentor de um programa ao meio-dia, um horário de privilégio dentro de qualquer programação de rádio, aos sábados.

A revista menciona a programação da emissora que possui o mesmo teor dos programas do Alemão Louco: “Voltada principalmente para o público do interior a rádio tem uma programação popular, com músicas sertanejas, gauchescas ,paraguaias e bandinhas”<sup>99</sup>

Outro aspecto importante a mencionar é que o “barracão” (Instalações da emissora) á beira do Lago de Itaipu, no meio de um campo de soja, facilitava a travessia e chegada na emissora, não necessitando de deslocamentos adentro do território paraguaio, possibilitando o acesso até a emissora, tendo em vista que a maioria das estradas dessa região são de péssimo trânsito, a maioria apenas estradas de terra sem cascalho. A disposição da emissora á beira do Lago de Itaipu, é um ponto estratégico.

---

<sup>98</sup> Revista Região,2003. De Marechal Cândido Rondon.

<sup>99</sup> Idem.

Nos últimos anos, aumentaram os conflitos entre brasileiros e paraguaios, em grande parte por conquista de propriedades, tornando o ambiente mais hostil que em décadas anteriores.

A nova lei sobre a produção de transgênicos na agricultura, a ascensão a cargos públicos diretos por brasiguaios, somado ao descontentamento de pequenos produtores rurais paraguaios a partir de 2004, acentuaram ainda mais a tensão na região.<sup>100</sup> Assim, a emissora ficaria alocada em localização mais próxima do Lago facilitando o retorno para terras brasileiras.

O “barracão” além de abrigar a emissora contava com um anexo para abrigar um salão de baile, fato que mostra novamente um aspecto interessante quanto às atividades do radialista Ilário Kehl.

A maneira como articula sua trajetória profissional sempre incluiu uma atividade profissional correlata, neste caso um local para realização de bailes. Embora a estrutura fosse precária, num “barracão”, que contava com ar-condicionado para manter os equipamentos da emissora, a audiência alcançava toda a região lindeira<sup>101</sup>, contando com comunicadores também de Entre Rios do Oeste, apontando a rotatividade profissional destes profissionais do rádio, que atuam em uma ou mais emissoras.

O personagem Alemão Louco, a essa altura da trajetória do radialista já estava popularizado há alguns anos. O radialista continuava desdobrando suas atividades como animador de bailes, demonstrando a constância durante sua trajetória em permanecer popular e apontando os desdobramentos de sua atividade primária na radiodifusão.

Nesse sentido, a forma como articulou sua trajetória teve sua origem na radiodifusão, mas ele ultrapassa seu contato com o público interagindo diretamente com os ouvintes saindo do campo da radiodifusão e ao mesmo tempo usando sua popularidade conquistada no rádio para transcender esse campo.

A iniciativa em formar uma emissora no Paraguai não era indicativo de que esse fosse o objetivo inicial do radialista Ilário Kehl, no entanto foi o caminho que encontrou para obter a sua própria emissora de acordo com suas possibilidades financeiras, já que o custo e a fiscalização no Paraguai são bem diferentes em relação ao Brasil.

---

<sup>100</sup> ALBUQUERQUE, José Lindomar C. Os brasiguaios e os conflitos sociais e nacionais na fronteira Paraguai-Brasil. In: Análise de Conjuntura, nº2, Fev. 2009. ISSN 1809-8924. p.10

<sup>101</sup> Para maior conhecimento geográfico político sobre os municípios lindeiros ver: Disponível em:<  
<http://www.lindeiros.org.br/lindeiros/>> Acesso em 10 de Jan de 2015.

A esse respeito o diretor da Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon nos informou<sup>102</sup>:

Já no Paraguai parece que funciona como uma espécie de alvará de prefeitura ou algo até bem pior, porque uma pessoa monta uma emissora com equipamentos precários, mas que são suficientes pra fazer uma transmissão e ainda interferir no sinal de outras emissoras que estão aqui no Brasil legalizadas e tem tudo em dia. Eles lá não, mudam de local, mudam de frequência, não existe uma fiscalização efetiva, muito embora o CONATEL que abrange esses países da fronteira, incluindo a Argentina, mas a CONATEL não chega nessas localidades do interior e tem muita gente que usa de malandragem. Vou citar um exemplo que é bem claro, tem pessoas que tem estúdio de rádio, por exemplo no interior de Marechal Cândido Rondon, manda a programação via internet para um transmissor que está lá no Paraguai, com a torre lá no Paraguai e consegue transmitir por uma frequência determinada lá por eles mesmos e ficam imunes à fiscalização da Anatel, por que não estão usando espectro magnético, estão usando a internet, então isto é malandragem(...)

A fiscalização no Paraguai é bem diversa, embora ela exista, efetivamente não tem muita eficácia na fronteira, onde diversas emissoras atuam principalmente nos arredores da cidade de Foz do Iguaçu (Brasil) e Ciudad de Leste (Paraguai), onde o comércio nestas cidades é mais intenso que nas demais regiões transfronteiriças e há maior margem de patrocinadores, brasileiros e paraguaios, evidenciando assim, que os limites da fronteira geográfica e política são imperceptíveis nesse aspecto. E o diretor Paulo Nogueira continua a esse respeito<sup>103</sup>:

Se pegar a região de Foz do Iguaçu, são dezenas de casos parecidos, sem contar simplesmente aquelas empresas que simplesmente se instala no Paraguai e tem sua programação e alcance todo dirigido para o Brasil, porque só com o comércio deles lá, com a economia deles não iam conseguir sobreviver, então o negócio ficaria inviável, então direcionam tudo para o Brasil e ficam imunes à fiscalização dos órgãos no Brasil, no caso a Anatel não pode fazer nada. Então é comum você se deparar com uma rádio operando na fronteira numa frequência sua, a única vantagem que nós temos é que nós temos uma solidez, uma história, uma estrutura, eles lá são mais aventureiros, no primeiro tropeço essa rádio vai fechar e no primeiro momento que vier uma fiscalização também vão ter problemas. Então eles acabam mudando de frequência, mudando de lugar ou algo parecido e agente apesar dessas dificuldades, digamos dessa concorrência desleal, agente fica firme no mercado e fazendo nosso trabalho cada vez melhor.

---

<sup>102</sup> Entrevista realizada na Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon com o atual diretor, o Sr. Paulo Nogueira em 2014.

<sup>103</sup> Idem.

Analisando a localização dessa última emissora em Marangatu (PY), ela fica á beira do Lago do Itaipú, mas não está no polo comercial de Foz do Iguaçu, realidade ainda mais complicada em termos de trânsito constante de pessoas advindas de diversos lugares, mas de uma região onde a agroindústria é predominante, tornando as vilas distanciadas umas das outras, região que não há registros totalizados pelo CONATEL sobre o número real de emissoras legalizadas e as que atuam na clandestinidade.

O controle efetivo das rádios clandestinas que atuam nessa região de fronteira existe, no entanto, sem eficácia conforme apontam diversas notas na mídia impressa. As emissoras são fiscalizadas e fechadas, mas ludibriam o sistema e voltam a operar noutra frequência ou em outra localidade na própria região fronteiriça.<sup>104</sup>

Esse é um problema que não é localizado nessa faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, mas se estende até o Amazonas do lado brasileiro o que dificulta o controle de um modo geral de diversas atividades ilícitas em desacordo com os países de fronteira, que é dificultada também pela extensão territorial.

Em 2008, a mídia impressa divulgou a irregularidade das emissoras e a preocupação da ARDAP, Associação de Proprietários de Rádios de Alto Paraná, em relação ao controle das emissoras clandestinas. A preocupação entre argentinos, brasileiros e paraguaios é comum no sentido ao combate á clandestinidade. As frequências acabam por interferir no sinal prejudicando inclusive a atuação das aeronaves e do sistema de controle da aviação no aeroporto de Foz do Iguaçu.<sup>105</sup>

A atuação de emissoras que transmitem em língua portuguesa, espanhola e o guarani em território paraguaio, contam com ouvintes da tríplice fronteira. O sinal pode ser trocado, a localização da emissora pode também trocar, mas os ouvintes continuam nas diversas programações, pois para eles esse limite geográfico e político não é a razão primordial que fazem ouvir essas programações. Os limites culturais não são impostos, são fronteiras móveis, em complexa rede de movimento e de acordo com diversas dinâmicas.

---

<sup>104</sup>Paraguai fecha rádios pirata na fronteira. In: Sopa Brasiguaiá; Disponível em <<http://sopabrasiguaiá.blogspot.com.br/2009/01/paraguai-fecha-rdios-piratas-na.html>> Acesso em Jan. 2015.

<sup>105</sup>Rádios Piratas usam brechas na legislação. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/radios-piratas-usam-brechas-na-legislacao-b3u7eck8csd4dbp9co9k4mk3y>> Acesso em Jan. 2015.

O radialista que busca sua ascensão e atuação nesse mercado profissional também adere á itinerância e muitos radialistas se locomovem semanalmente entre o Brasil e o Paraguai para gravarem seus programas, para atuarem em seus postos de trabalho.

E outro fator relevante a mencionar, é a questão do patrocínio dessas emissoras que para manter sua programação usam anunciantes brasileiros, paraguaios, argentinos, árabes, chineses, enfim, todo comércio da região tem interesse em divulgar seus produtos ou serviços em emissoras que fazem parte deste complexo da Tríplice fronteira.

Além disso, conforme informações de profissionais da radiodifusão local, outra problemática em relação ás emissoras clandestinas, é que muitas estão sob o comando de facções criminosas e que estão aliadas ao tráfico de drogas e armas na fronteira.

A regulamentação da emissora Marangatu FM, do radialista Ilário Kehl estava regulamentada, no entanto, ela já havia mudado de localização por duas vezes, por força de ameaças constantes margeadas não pelo Estado do Paraguai, mas por grupos que não estavam satisfeitos com os índices que a emissora passou a ter logo após a sua inauguração. O radialista foi ameaçado, mudou a emissora de localidade, no entanto, por ainda continuar com a emissora em operação, meses depois um de seus veículos foi afundado no Lago de Itaipú. Isso foi apenas um “aviso”, mas o radialista Ilário Kehl não temeu as ameaças e continuou buscando um novo local para o funcionamento de sua emissora, indo para esse barracão, que foi a última sede da Marangatu FM onde atuou até o seu assassinato em 2009.

O radialista Ilário Kehl faleceu dentro da emissora Marangatu FM, vítima de dois tiros em 13 de agosto de 2009. Em consequência de uma discussão entre ele e um ex-funcionário que insatisfeito com a rescisão do contrato de trabalho deferiu os tiros e fugiu para o interior do Paraguai.

Neste mesmo ano o radialista ainda fazia parte do grupo de funcionários da emissora Rádio Educadora do Paraná onde, mantinha o seu programa da tarde diariamente. O assassino até hoje não foi encontrado oficialmente, mas a lembrança de seus programas e a maneira como personificava o seu personagem são representativos em outros programas. A Rádio Educadora do Paraná mantém o mesmo programa, com o mesmo contexto e o locutor e radialista busca uma interpretação muito similar ao do

Ilário Kehl pra colocar no ar o seu tipo caipira parecidíssimo com o personagem Alemão Louco.

Ilário Kehl, se fez por meio da radiodifusão com seu personagem Alemão Louco, mas sobreviveu durante décadas das múltiplas funções que desempenhou como diretor, redator, jornalista, mestre de cerimônias, locutor de futebol e seu sucesso permitiu seu contato direto com seu público ouvinte. Além de ser animador de festas como já mencionamos, ele buscou uma forma particular de levar ao seu público algo além da fronteira do rádio: o cinema.

Com um aparelho projetor manual e pouco recurso levou o cinema itinerante para diversas populações no interior da região de Marechal Cândido Rondon e cidades vizinhas.

De acordo com o documento de licença emitido pela secretaria de finanças da prefeitura do município de Marechal Cândido Rondon, a guia de licença para funcionamento de 1984 registra seu uso exclusivo para emissão de “filmes fora da sede municipal e fora do distrito de Porto Mendes”<sup>106</sup>.

A permissão não abrangia a área central nem o principal local de diversão em função do Parque de Porto Mendes, possibilitando apenas a sua transmissão nos demais subdistritos da cidade, nas linhas do interior e assim atingia um público que não tinha muito acesso aos cinemas da região.

Na sede municipal havia um espaço alocado para transmissão, uma sala fixa que permaneceu por alguns anos em funcionamento como sala de cinema fixa, mas logo fechando as instalações direcionadas ao cinema.

As pessoas que quisessem assistir a um filme em cinema se dirigiam para cidades vizinhas que possuíam salas fixas. As demais que não tinham condições de alguma forma tiveram acesso ao mundo cinematográfico por meio dessas exposições itinerantes de cinema realizadas pelo radialista Ilário Kehl.

Ele organizava sua exibição filmística, anunciando por meio de carro de som com auto-falantes, a data, o local e o filme que ia transmitir. O chamamento público era similar aos chamamentos para atrações circenses que também atuam de forma itinerante.

---

<sup>106</sup> Documento do radialista. Alvará de licença nº 1.471. Secretaria Municipal de finanças de Marechal Cândido Rondon.



Assim, feito o chamado ao seu público e definido o local que seria transmitido o filme, cobrava uma taxa simbólica, o que seria o representativo de Um Real atual e as pessoas iam então assistir aos filmes.

Os locais, conforme informação dos familiares e de colegas de sua trajetória profissional, eram pré-definidos em acordos prévios em locais diversos, como associações de moradores, espaços lúdicos de diversas igrejas, praças nos subdistritos, escolas e onde possibilitasse o abrigo das pessoas aglomeradas e sentadas em cadeiras comuns para que o filme fosse transmitido.

De maneira itinerante expunha filmes de faroeste norte-americano, filmes populares brasileiros, principalmente filmes do Mazzaropi<sup>107</sup> e dos Trapalhões<sup>108</sup>.

Nos documentos diversos guardados pelo radialista, restaram alguns cartazes publicitários destes filmes que veiculava nestes espaços e o aparelho retransmissor do filme.

A exibição desses filmes nas linhas do interior de Marechal Cândido Rondon e cidades vizinhas, aproximou ainda mais o radialista de seu público, pois era o próprio radialista que executava todo o trabalho, desde a escolha do local, do filme, a divulgação e no momento da exibição era ele quem executava a transmissão.

Antes do filme ser exibido, o Alemão Louco contava piadas e fazia as brincadeiras que realizava nas festas populares atraindo ainda mais o público que aguardava a próxima exibição.

As pessoas iam nessas exibições contando com a presença do Alemão Louco e isso foi um problema porque tornou o negócio totalmente inviável.

Assim, conforme a demanda de filmes no interior cresceu, ele contratou um ajudante, mas as pessoas se decepcionavam quando chegavam na exibição e não encontravam o radialista com suas brincadeiras do personagem Alemão Louco. E como o valor cobrado era simbólico, a margem lucrativa do negócio era insatisfatória.

A radiodifusão continuava ainda sendo o campo de trabalho onde o radialista conquistava sua sobrevivência. A experiência com o cinema itinerante não perdurou por

---

<sup>107</sup> Biografia de Mazzaropi. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-544057/biografia/>> Acesso em Jan.2015.

<sup>108</sup> Biografia de Os Trapalhões. Disponível em <http://www.ostrapalhoes.net/sobre-nos/> Acesso em Jan.2015

muito tempo, mas auxiliou-o ainda mais na interatividade com seu público dos programas nas emissoras abrindo caminho para maior sucesso com o personagem e maiores índices de audiência durante essa programação.

## Considerações finais

O processo de construção deste trabalho permitiu-me uma visão ampliada e específica sobre a história regional/local apontando reflexões importantes para o meu desenvolvimento em constante construção. No decorrer da pesquisa, algumas das minhas inquietações foram supridas. Entretanto, á medida que a pesquisa adentrava no universo radiofônico, a acepção de novos conhecimentos me remeteu a diversas reflexões em torno de um universo mais abrangente ainda: o mediático.

Pensar questões que envolvem tais universos tornou-se arriscado sem me aprofundar em dados que ainda não estavam mapeados, mas ao mesmo tempo tornou o processo de pesquisa mais dinâmico e inquietante.

O conjunto de fontes documentais mesclados entre si presentes no acervo do radialista foi o desafio de efetivar recortes possíveis que permitissem a transparência e o trabalho histórico sobre tais fontes. A definição da escolha documental dentro de um acervo complexo e variado de fontes permitiu uma melhor definição para as análises mais específicas.

O desafio em compreender as relações na fronteira entre o Brasil e o Paraguai, numa região de agroindústrias, mais especificamente entre as cidades brasileiras de Marechal Cândido Rondon, Pato Bragado e Marangatu no Paraguai e inserir um caminho percorrido pela radiodifusão desde os seus primórdios no Paraná até alcançar os objetivos propostos inicialmente foi um árduo e prazeroso trabalho.

A identificação do processo de construção do personagem Alemão Louco permitiu ao mesmo tempo perceber as relações de trabalho dentro do campo da radiodifusão e suas especificidades atreladas ao universo da fronteira. Uma fronteira dinâmica, recheada de processos migratórios, de regiões com áreas rurais e comerciais em seu entorno possibilitando um universo único e múltiplo.

A fronteira político-geográfica é transposta por uma rede de relações sociais e culturais. O universo da fronteira é constituído por um multiculturalismo que define e redefine as relações entre esses espaços constituídos. E o radialista rompe com essas fronteiras, tanto física como cultural. O Alemão Louco tem seu percurso iniciado no rádio, mas a sua popularidade o transpõe em outras relações diretas com seu público que ao mesmo tempo o auxiliam na popularidade no meio radiofônico.

As múltiplas funções e habilidades do radialista permitiram por outro lado evidenciar as facetas de um homem simples que adentra nesse universo radiofônico e por meio dessa trajetória perceber como ocorre a profissionalização dentro desse meio.

Nesse sentido, a documentação do percurso do radialista nos apontou que embora seu pseudônimo tivesse forte conotação com um universo homogêneo, o Alemão Louco e seus programas de ampla difusão regional possibilitou a demonstração justamente ao contrário, apontando uma pluralidade social e cultural. A construção do personagem, a composição dos programas e a própria interatividade com o público ouvinte, evidenciados em nossa análise possibilitou também reforçar a inserção do universo político que permeia o universo radiofônico.

Ao mesmo tempo, ao adentrar no universo radiofônico, foi possível constatar que a maioria das emissoras comerciais, tem em seus meandros um político envolvido ou como sócio ou como funcionário dessas emissoras, potencializando assim interesses que se configuram entre o Estado e empresários concessionários destas emissoras. E que por outro lado, o papel educativo e cultural dos primórdios da radiodifusão do Brasil está bastante distanciado do projeto inicial.

A pesquisa permitiu ainda uma reflexão em torno da radiodifusão no país, cujo atrelamento direto junto aos congressistas serve de ferramenta implícita de negociações e de controle político.

Os decretos pertinentes à radiodifusão no Brasil necessitam ser revistos para que essa dinâmica que privilegia as concessões em nosso país tenha outra configuração, questão já levada adiante no Congresso Nacional, mas que vem sendo relutada. Os projetos que envolvem os meios de telecomunicações do país permanecem secundarizados, privilegiando-se outras necessidades desencadeadas em função do combate a corrupção nos últimos anos. As promessas em relação aos novos caminhos para a reforma política almejada por alguns seguimentos necessitará uma avaliação transparente da influência e dos papéis da radiodifusão do país.

Ademais, este trabalho poderá ser um norteador para novas pesquisas sobre radiodifusão regional, local e na fronteira, ampliando as reflexões gerais. Nesse sentido, acredito que a proposta inicial deixa ainda uma larga margem de pesquisa nos países vizinhos para além do Paraguai. Um estudo mais profundo em torno do tópico “cinema itinerante” é necessário para uma análise mais complexa. Estas abordagens serão norteadoras para futuras pesquisas e aventuras de um novo trabalho.

## **LISTA DE FONTES**

Documento do acervo do radialista - Contrato de trabalho- Rádio Sociedade Vicente Pallotti de Palotina de 1972.

Documento do acervo do radialista. Carta Interna (Memorando) - Rádio Guáira-PR, década de 1980.

Documento do acervo do radialista Ilário Kehl: Programação da Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon da década de 1980.

O Felipinho - Periódico destinado como cortesia às emissoras associadas do Paraná, de Março-1967.

Folder publicitário da programação do Alemão Louco- Rádio Difusora do Paraná (Figura 1), década de 1980.

Carta de ouvinte enviada ao Alemão Louco-1982.

Carta de ouvinte da Rádio Celeste em Sinop-Mato Grosso onde era veiculado o programa do Alemão Louco, década de 1980.

Carta de ouvinte enviada a Rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon-1986.

Carta de ouvinte maestro de Concórdia, Santa Catarina-1987.

Carta de ouvinte da cidade de Concórdia, Santa Catarina,1987.

Carta de ouvinte de Castro Filho, Santa Catarina direcionada para a Rádio Rural em Concórdia-1986.

Carta de ouvinte de Ipira, Santa Catarina, 1987.

## **ENTREVISTAS**

Entrevista com Arlindo Alberto Lamb, realizada em 04/10/2005 em Marechal Cândido Rondon pela Profª Clarícia Otto para o Projeto de Pesquisa, “Patrimônio Histórico em Marechal Cândido Rondon: levantamento de imóveis, documentação, catalogação de dados e educação patrimonial”, coordenada pela Prof.Dra. Méri Frotscher.

Entrevista de Graciela Kehl (filha do radialista), realizada em 2014 em Marechal Cândido Rondon por Rosana Déa Marques Gonsalves.

Entrevista de Paulo Nogueira (diretor atual da rádio Educadora de Marechal Cândido Rondon), realizada em agosto de 2014 em Marechal Cândido Rondon por Rosana Déa Marques Gonsalves.

## BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. O campo político. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, n. 5, July 2011.

COSTA, Osmani Ferreira da. Rádio e política. A aventura eleitoral de radialistas do século XX. Londrina: EDUEL, 2005.

DÂNGELO, Newton. Ouvindo o Brasil: O ensino de história pelo rádio - décadas 1930/40. In: *Revista Brasileira de História*, v. 18, nº 36, 1998.

DUARTE, Geni Rosa. Risos de muitos Sotaques: o humorismo no rádio paulistano (1930-50). In: *Art e Cultura*, Uberlândia, v.9, n.15, p.181-193, jul.-dez.2007.

FERRARETO, Artur Luiz. *Rádio: O veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Ed.Sagra Luzzatto, 2000.

KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes e outros (org). *Outras histórias: memórias e linguagem*. São Paulo: Olho D água, 2006.

LAVERDI, Robson. Tempos diversos e vidas entrelaçadas; trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aosquatroventos, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. pp: 231-290. In: PINSKY, C.B.(org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ORTRIWANO, Gisela S. Rádio: um meio poderoso e mal aproveitado. In: *Radiojornalismo no Brasil: dez estudos regionais*. São Paulo: COM\_ARTE, 1987.

QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel Galvão de. A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná. Campinas, Editora da UNICAMP, Dissertação (Mestrado em Educação Física), 1999.

SALIBA, Elias Thomé. Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. Cultura popular: as apropriações da indústria cultural. In: *Produção de linguagem e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, Danusa da L.G.da. “Um pé aqui, outro lá”: experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasileiros (Marechal Cândido Rondon/PR – 1990-2010). 106f. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE.

STEIN, Marcos Nestor. A construção do discurso da germanidade em Marechal Cândido Rondon (1946-1996).2000.133f. Dissertação de Mestrado apresentada em Florianópolis no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina sob a orientação do Prof. Dr. João Klug.

TOTA, Antonio Pedro. *A locomotiva no ar: rádio e modernidade em São Paulo 1924-1934*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura/PW, 1990.

VALE, Regina Ribeiro do In: Serviços de Comunicação Eletrônica de Massa no Direito Brasileiro. Disponível em:< <http://www.teleco.com.br/emdebate/regina01.asp>> Acesso em 12 de jan de 2015;

WILMSEN, Ana Paula; KUNZLER, Maria Cristina. *Mídia e Memória: estórias dos veículos de comunicação do município de Marechal Cândido Rondon contadas por seus protagonistas*. Marechal Cândido Rondon: Ed. Germânica, 2006.